MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS - FCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LETÍCIA ESPADIM MARTINS

TECNOLOGIA ESPIRITUAL DAS IMAGENS KAIOWÁ E GUARANI: POR ENTRE CASAS DE REZA E O SABER-FAZER ANCESTRAL

Dourados-MS
2024

LETÍCIA ESPADIM MARTINS

TECNOLOGIA ESPIRITUAL DAS IMAGENS KAIOWÁ E GUARANI: POR ENTRE CASAS DE REZA E O SABER-FAZER ANCESTRAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Curso de Mestrado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Espaço e reprodução social: práticas e representações

Orientadora: Prof.ª Drª Juliana Grasiéli Bueno Mota
Co-orientador: Prof.ª Dr Eliel Benites

Dourados-MS
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M386t Martins, Leticia Espadim
TECNOLOGIA ESPIRITUAL DAS IMAGENS KAIOWÁ E GUARANI: POR ENTRE CASAS DE REZA E O SABER-FAZER ANCESTRAL [recurso eletrônico] / Leticia Espadim Martins. -- 2024.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Juliana Grasiéli Bueno Mota.
Coorientador: Eliel Benites.
Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2024.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio

1. Guarani Kaiowá. 2. Audiovisual indígena. 3. Tecnologia Espiritual. 4. Tecnologia. I. Mota, Juliana Grasiéli Bueno. II. Benites, Eliel. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

TECNOLOGIA ESPIRITUAL DAS IMAGENS KAIOWÁ E GUARANI: POR ENTRE CASAS DE REZA E O SABER-FAZER ANCESTRAL

Banca Examinadora

Prof. Dra. Juliana Grasiéli Bueno Mota

(Programa de Pós-graduação em Geografia - Universidade Federal da Grande Dourados)

Orientadora e Presidente da Banca

Prof. Dr. Eliel Benites

Ministério dos Povos Indígenas (MPI)

Coorientador

Prof. Dr. Diógenes Egídio Cariaga

(Programa de Pós-graduação em Antropologia - Universidade Federal da Grande Dourados

---

Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes

(Programa de Pós-graduação em Geografia - Universidade Federal da Grande Dourados)

Profa. Dra. Roseline Mezacasa

(UNIR, Licenciatura Indígena de Ji-Paraná)

DEDICATÓRIA

À todos que valorizam a vida em suas múltiplas formas de existência,
em especial aos Kaiowá e Guarani.

AGRADECIMENTOS

À espiritualidade que me protege e me faz caminhar.

À minha mãe Andréa que além de mãe sempre foi uma grande amiga. Sem você eu não conseguiria.

Ao meu pai pelo apoio.

A minha avó Elizabeth e meus familiares por mostrar-me que família pode ser um local de segurança frente às tempestades da vida.

Aos meus amigos, Adonys, Jaquerson, Mateus por conseguirem fazer meu coração bater de alegria. Nossa cura é através do riso, me sinto uma menina com vocês.

Ao William que por corajoso e brilhante ensina-me a beleza de olhar com compaixão para tudo que está além de nós mesmos. A grandeza e pureza de seus ensinamentos não podem ser descritos aqui.

À minha mãe de santo Dona Dalva, sua fé e dedicação às almas me salvaram.

Aos meus amigos, Duda e João, que mesmo tão distantes estão tão perto em sentimento, sempre soube que tinha vocês.

À Silvia e Arthur, novas amizades que relembram-me que a vida é movimento e coisas boas chegam!

Às minhas gatinhas Una e Chicha. Tenho muito a agradecer por poder desfrutar do carinho e da estima dos corações felinos.

À minha orientadora Juliana por confiar em mim e estar ao meu lado. O caminho de sua fé em meu potencial não é algo fácil de encontrar novamente, por muitas vezes fostes luz em minhas indecisões profissionais.

Aos Kaiowá e Guarani, que terem aceitado-me e transformado-me a cada ano que passa. Não consigo imaginar-me mais sem nosso encontro.

Aguyjevete!

Apoio Institucional à pesquisa

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGG-UFGD) e a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de estudos concedida, essa permitiu-me dedicar-me exclusivamente à pesquisa.

Gracias a la vida, que me ha dado tanto
Me dio dos luceros, que cuando los abro
Perfecto distingo lo negro del blanco.

"Gracias a la vida", canção de Mercedes Sosa.

Para entrar em estado de árvore é preciso partir de um torpor animal de lagarto às três horas da tarde, no mês de agosto. Em dois anos a inércia e o mato vão crescer em nossa boca. Sofreremos alguma decomposição lírica até o mato sair na voz.
Hoje eu desenho o cheiro das árvores.

“Meu quintal é maior que o mundo”, Manoel de Barros.

RESUMO

TECNOLOGIA ESPIRITUAL DAS IMAGENS KAIOWÁ E GUARANI: POR ENTRE CASAS DE REZA E O SABER-FAZER ANCESTRAL

Esta dissertação busca refletir sobre modos de produção de imagens realizado por comunicadores indígenas dos povos kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul. Para tanto, tal jornada de investigação conta com dois conceitos-guia, Tecnologia Espiritual, cunhado por Anastácio Peralta (2022) e *Mba’ekuaa,* termo nativo da língua Guarani que designa *“saber-fazer”* e/ou sabedoria ancestral. A partir deles, percebe-se uma rede de comunicação cósmica na qual os Kaiowá e Guarani, junto a outros seres do cosmos indígena, são partícipes e é desta rede de comunicação que dependem os modos de criação/inovação do *saber-fazer* ancestral e os modos de manutenção/estabilização do mundo kaiowá e guarani. Além disso, é por intermédio dela que os modos de vida considerados bons e harmônicos, na visão desses povos, encontram ressonância no plano terrestre. Assim, o *saber-fazer* ancestral encontra o saber-fazer não-indígena, e a partir deste contato entre distintos *Mba´ekuaa* e seus respectivos aparelhos de tecnologia, o audiovisual kaiowá e guarani é aqui compreendido. Considerando as questões ora mencionadas, formulo a hipótese de que a conexão com o mundo espiritual é fundamento e guia da produção imagética kaiowá e guarani e da potência nela contida. Por fim, para a realização desta pesquisa contou-se com duas metodologias de trabalho de campo, a Observação Participante nos territórios ancestrais e as entrevistas em profundidade com jovens comunicadores kaiowá e guarani.

Palavras-chave: Guarani e Kaiowá, audiovisual indígena, tecnologia espiritual, tecnologia.

RESUMEN

TECNOLOGÍA ESPIRITUAL DE LAS IMÁGENES KAIOWÁ E GUARANÍ: ENTRE CASAS DE ORACIÓN Y CONOCIMIENTO ANCESTRAL

Esta tesis busca reflexionar sobre los modos de producción de imágenes realizados por comunicadores indígenas de los pueblos Kaiowá y Guaraní en Mato Grosso do Sul. Para ello, este viaje de investigación se basa en dos conceptos rectores, Tecnología Espiritual, acuñado por Anastácio Peralta (2022) y *Mba'ekuaa*, término originario de la lengua guaraní que designa "saber hacer" y/o sabiduría ancestral. De ellos se percibe una red de comunicación cósmica de la que son partícipes los Kaiowá y los Guaraníes, junto con otros seres del cosmos indígena y es en esta red de comunicación donde se desarrollan los modos de creación/innovación de saberes ancestrales y los modos de de mantenimiento/estabilización de los mundos Kaiowá y Guaraní. Además, es a través de él que los modos de vida considerados buenos y armoniosos, según la visión de estas personas, encuentran resonancia en el plano terrenal. Así, se unen saberes ancestrales con saberes no indígenas, y a partir de ese contacto entre los diferentes *Mba'ekuaa* y sus respectivos dispositivos tecnológicos, se comprende aquí el audiovisual Kaiowá y Guaraní. Considerando las cuestiones mencionadas anteriormente, formulo la hipótesis de que la conexión con el mundo espiritual es el fundamento y guía de la producción de imágenes Kaiowá y Guaraní y el poder contenido en ellas. Finalmente, para realizar esta investigación se utilizaron dos metodologías de trabajo de campo: Observación Participante en territorios ancestrales y entrevistas en profundidad a jóvenes comunicadores Kaiowá y Guaraní.

Palabras clave: Guaraní y Kaiowá, Audiovisual indígena, Tecnología espiritual, Tecnología.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJI - Associação dos Jovens Indígenas

ASCURI - Associação dos Realizadores Indígenas de Mato Grosso do Sul

ATL – Acampamento Terra Livre

CIMI - Conselho Indigenista Missionário

DPE-MS - Defensoria Pública do estado de Mato Grosso do Sul

DPU - Defensoria Pública da União

FAIND - Faculdade Intercultural Indígena

MPF – Ministério Público Federal

MPI - Ministério dos Povos Indígenas

MS - Mato Grosso do Sul

PPGET/UFGD - Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade

PPGG/UFGD - Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados

PT - Partido dos Trabalhadores

SED - Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul

SPI - Serviço de Proteção ao Índio

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1	*Nhanderu* Valdomiro tocando o *mimby*. Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023	19
Foto 2	*Ivyraija* Germano Lima tocando o *mimby*. Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023.	19
Foto 3	N*handesy (rezadoras tradicionais)* conversando. Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023.	20
Foto 4	*Chicha* (bebida tradicional)**.** Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023.	20
Foto 5	Folder de divulgação da Inauguração *"Oga Yvoty"*	26
Foto 6	Folder de divulgação da Inauguração da *"Ogusu Nengarendy"*	27
Foto 7	Folder de divulgação da Inauguração da *"Ogusu Taperendy"*	28
Foto 8	Folder de divulgação da X Kunhangue Aty Guasu	28
Foto 9	Folder convocatório para a manifestação contrária à aprovação do Marco Temporal	29
Foto 10	Folder convocatório o ritual de batismo do milho branco, *Jerosy Puku*, em *Guyra Kamby´i,* Douradina, MS	30
Foto 11	Imagem divulgação da exposição *Mba´ekuaa:* O Saber-Fazer Guarani e Kaiowá	31
Foto 12	Cerimônia de *Jerosy Puku* no tekoha *Guyra Kamby'i*	33
Foto 13	*Anastácio recebendo reza, na Ogapysy/Ogusu* da Faculdade Intercultura Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).	34
Foto 14	Esqueleto da *Ogapysy/Ogusu,* localizada na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) - UFGD.	41

Foto 15 *Ogapysy/Ogusu,* Casa de Reza localizada na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 42

Foto 16 *Ogapysy/Ogusu* (Casa de Reza) do tekoha de Nhanderu Marangatu, Antônio João, MS. 43

Foto 17 *Okendusu* da casa de reza na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 44

Foto 18 *Okendusu* e porta lateral da Casa de reza, Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 44

Foto 19 Raios de sol adentrando pela *Okendusu* da Casa de Reza e iluminando o *yvyra´i* (pequena madeira colorida), na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 45

Foto 20 *Yete*, chá frio feito de casca e folha de cedro, na cerimônia de Inauguração da *Ogapysy/Ogusu, Casa de Reza,* na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 46

Foto 21 *nhanderu* bebendo chicha após a cerimônia do *jerosy puku* (batismo do milho branco). 47

Foto 22 *Yvyraija* Germano Lima filmando com seu celular a cerimônia do *jerosy puku* (batismo do milho branco), tekoha *Guyra Kamby'i*, no município de Douradina, MS. 50

Foto 23 *Instrumento De Tecnologia Espiritual - Casa De Reza*, FAIND/UFGD 54

Foto 24 *Instrumento De Tecnologia Espiritual - Sementes*. Coleta de sementes utilizadas na confecção de artesanatos, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS. 55

Foto 25 Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Roças. Roça de milho, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS. 55

Foto 26 Colheita de milho criolo, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS. 56

Foto 27 Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Plantas Medicinais. Plantio de mudas de plantas medicinais, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS 56

Foto 28 Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Plantas Medicinais. Plantio de mudas de plantas medicinais, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS. 57

Foto 29 Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Plantas Medicinais. Plantio de mudas de plantas medicinais, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS. 57

Foto 30 Instrumento de Tecnologia Espiritual - Pilão Tradicional Para Moer Grãos Senhora moendo grãos de milho para o preparo da bebida tradicional Chicha, tekoha *Avae´te*, 2023 58

Foto 31 Modos De Subsistência Alimentar da Tecnologia Espiritual - Pesca e Caça de Animais Refeição compartilhada por família Kaiowá a base de peixe e farinha de milho. 58

Foto 32 Refeição compartilhada por família Kaiowá a base de peixe e farinha de milho. 59

Foto 33 Canto (*Mborahei*) e Instrumentos de Uso Ritualístico da Tecnología Espiritual - *Xiru*, *Takuapu*, *Mbaraká.* Mulheres, rezadoras tradicionais e jovens Kaiowá cantando e tocando a Takuapu, aparelho de tecnologia espiritual. 59

Foto 34 Canto (*Mborahei*) e Instrumentos de Uso Ritualístico da Tecnología Espiritual - *Xiru*, *Takuapu*, *Mbaraká*. Objetos *de* tecnologia espiritual *Kaiowá, como o Mbaraká,* pendurados no interior da Casa de Reza. Cerimônia do Jerosy Puku, tekoha *Guyra Kamby'i*, no município de Douradina, MS. 60

Foto 35 Queima da casa de reza na Aldeia *Guapo'y*, Reserva Indígena de Amambai, 02 de outubro de 2021. 61

Foto 36 Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu 63

Foto 37 Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu 64

Foto 38 Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu 65

Foto 39 Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu 66

Foto 40 Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu 67

Foto 41 Metade universidade, metade tecnologia espiritual, casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 68

Foto 42 Evento de entrega do Espaço de Práticas Pedagógicas Interculturais *OgaPysy/Ogusu*, na UFGD. Fonte: Assessoria de Comunicação da UFGD. 69

Foto 43 *Kotyhu* na Casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 70

Foto 44 *Kotyhu* na Casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 71

Foto 45 *Nhanderu* Lídio e *nhandesy* Ivone batizando uma menina Kaiowá na casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). 72

Foto 46 *nhanderu* Lídio e *nhandesy* Ivone batizando uma menina Kaiowá na casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) 73

Foto 47 Casa queimada por seguranças privados no dia 06 de setembro de 2021, no Tekoha *Avae´te*, Dourados, MS 74

Foto 48 Casa queimada por seguranças privados no dia 06 de setembro de 2021, no Tekoha *Avae´te*, Dourados, MS 75

Foto 49 *Por entre múltiplos Mba´eKuaa"* 78

Foto 50 Frame de vídeo produzido pelo comunicador indígena Scott Hill. Na imagem indígenas realizam, liderados pelo *nhanderu* Tadeu, o *jeovasa*, limpeza tradicional Kaiowá e Guaraní para afastar espíritos ruins. 80

Foto 51 Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 1´27´´). 83

Foto 52 Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 1´44´´) 84

Foto 53 Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 2´09´´). 84

Foto 54 Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 5´32´´). 85

Foto 55 Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 5´41´´). 85

Foto 56 Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 5´48´´) 86

Foto 57 Luan Iturve orientando Nailson na cobertura da X Encontro da Kunhangue Aty Guasu, aldeia de Nhanderu Marangatu, Antônio João, MS, 2022 95

Foto 58 Mulheres Kaiowá e Guarani rezando em mobilização contra a aprovação do Marco Temporal, no dia 07 de junho, em frente a aldeia Jaguapiru, Dourados, MS. 96

Foto 59 Comitiva de ñandesy Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul no Acampamento Terra Livre, edição de 2023, Brasília. 96

Foto 60 Comitiva de ñandesy Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul no Acampamento Terra Livre, edição de 2023, Brasília. 97

Foto 61 Sandriele, integrante da equipe de comunicação da Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani fazendo a cobertura do Acampamento Terra Livre, edição de 2023, Brasília. 97

Foto 62 Faixa com o nome de Vitor em protesto contra o Marco Temporal, no dia 07 de junho de 2023, na aldeia Jaguapiru, Dourados, MS. 101

Foto 63 *"Massacre de Guapo´y"*. Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022. 104

Foto 64 *"Massacre de Guapo´y"*. Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022. 105

Foto 65 *"Massacre de Guapo´y"*. Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022. 106

Foto 66 *"Massacre de Guapo´y"*. Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022. 107

Foto 67 Larissa, nova geração de comunicadores indígenas cobrindo a manifestação contra o Marco Temporal, no dia 07 de junho de 2023, na aldeia Jaguapiru, Dourados, MS. 110

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS..... 19
O mimby é o celular dos nhanderu, quando toca é para chamar os guardiões….....19
Indo a campo….....25
As imagens no texto.....32
SEÇÃO I.....33
1. TECNOLOGIAS ESPIRITUAIS - CASAS DE REZA E OS CANAIS DE INTERLOCUÇÃO CÓSMICA..... 34
1.1 Ogapysy/Ogusu, Uma Tecnologia Viva.....52
1.2 Pedagogia da Ogapysy/Ogusu (Casas de reza), construindo futuros.....61
SEÇÃO II..... 78
2. O ENCONTRO ENTRE TECNOLOGIAS - POR ENTRE MÚLTIPLOS MBA´EKUAA.....79
2.1 As sementes do Mba´ekuaa.....95
NOTAS FINAIS..... 112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 114

NOTAS INTRODUTÓRIAS

> *O mimby é o celular dos nhanderu, quando toca é para chamar os guardiões…*
>
> (kaiowá Michel Fernandes).

A narrativa acima foi a resposta de Michely Fernandes[1], cineasta do povo Kaiowá, ao ser indagada por mim, em uma interação via rede social, sobre o instrumento que os *nhanderu* (rezadores tradicionais) tocavam no vídeo publicado por ela em seu perfil pessoal de uma rede social (Instagram). Nessa gravação, o *nhanderu* Valdomiro[2], do território ancestral de Panambizinho, entoava junto ao *yvyraija* (aprendiz) de rezador Germano Lima o *mimby* (flauta de uso ritualístico Kaiowá). Junto a eles estavam outros integrantes da comunidade que conversavam e bebiam *chicha* (bebida tradicional ritualística indígena) durante o ritual de *jerosy puku*[3], batismo do milho branco, realizado no ano de 2020, em Panambizinho.

[1] Michele Fernandes é cineasta do Kaiowá e residente no território ancestral de Panambizinho, em Dourados, MS, estudou Cinema na Escola de Cinema Darcy Ribeiro, no Rio de Janeiro, é diretora e uma das criadoras do projeto *Nhemongueta Kunhã Mbaraete*.

[2] Valdomiro (in memorian), grande liderança espiritual do povo Kaiowá, residia no território ancestral de Panambizinho, em Dourados, MS, era conhecido como o guardião da cerimônia do Jerosy Puku. Segundo Michely, Valdomiro adorava tocar o *mimby*.

[3] A cerimônia do *jerosy puku*, a *chicha* e os outros instrumentos sagrados dos povos Kaiowá e Guarani, como o *mimby*, serão melhor explicados na seção I, em que se vislumbra de que forma os instrumentos sagrados e aspectos da cosmologia compõem a funcionalidade e aplicação da Tecnologia Espiritual.

Foto 1: *nhanderu* Valdomiro tocando o *mimby*. Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023.

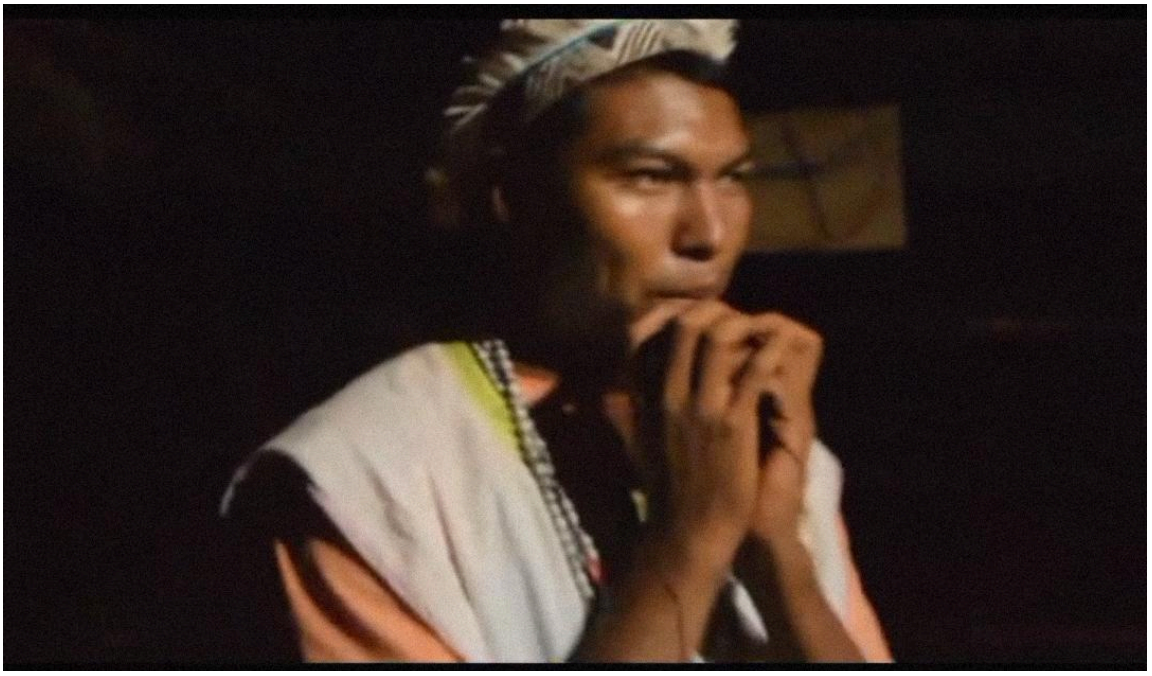

Foto 2: *Ivyraija* Germano Lima tocando o *mimby*. Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023.

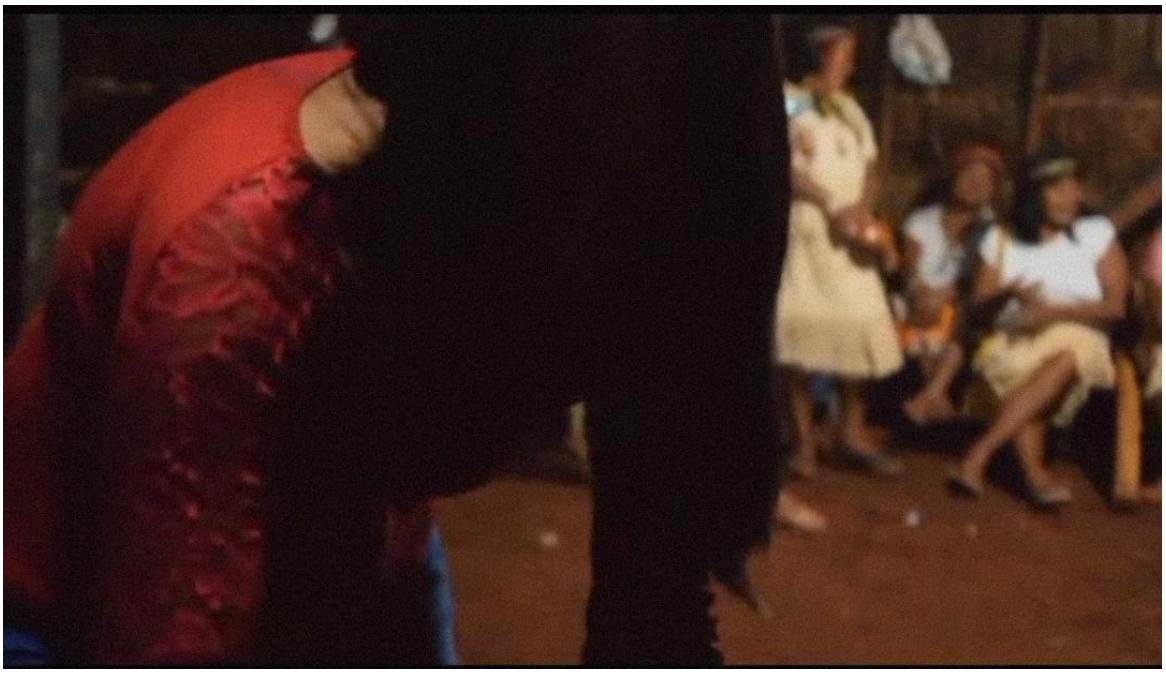

Foto 3: *Nhandesy (rezadoras tradicionais)* conversando. Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023.

Foto 4: *Chicha* (bebida tradicional)**.** Frame de vídeo divulgado no perfil pessoal de Michely Fernandes na rede social Instagram, publicado no dia 31 de janeiro de 2023.

O toque do *mimby,* é um chamado para que os espíritos-guardiões visitem os indígenas e os protejam de diversos males, tais como doenças, intempéries e espíritos maléficos. Seu canto é entoado somente em cerimônias rituais de grande relevância ou, como expressou Michely, *"nos grandes cantos"*. Ademais, esta flauta sagrada é de manuseio e de uso restrito dos homens. É interessante notar que Michely faz uma comparação deste instrumento com um aparelho celular, que quando toca é um chamado que intenciona uma comunicação a outrem que se encontra distante. A equiparação entre aparelhos de tecnologia indígena e não-indígena em suas faculdades de comunicação é o ponto de partida deste trabalho, e que mais a frente, na seção II, será a base para compreender a classificação que os *nhanderu* fazem dos instrumentos e modos de *saber-fazer* indígena e não-indígena. Dentro desta classificação feita pelos *nhanderu*, estão os *mbaraka, mimby, takuapu, xirus*[4] entre outros instrumentos sagrados compondo o *Mba´ekuaa (saber-fazer)* indígena; ao passo que as câmeras fotográficas, os celulares, a internet e demais aparelhos de comunicação não-indígena integram o *Mba´ekuaa (saber-fazer)* não-indígena.

Retomando a associação feita por Michely, esta encontra correspondência em relatos do trabalho de campo realizado por Deise Montardo (2002) junto aos Kaiowá e Guarani em

[4] O maior detalhamento sobre esses instrumentos sagrados constam na seção I do trabalho e também figuram no glossário.

Mato Grosso do Sul. Em seus dados, o *mimby* promove a comunicação com deuses como o *Pa´i Kuara* (Sol) e chega a seus ouvidos na qualidade de canto, *purahéi* e *joroky.*

> Nos desenhos de Silvano Flores, filho de dona Odúlia, e nas suas exegeses foi-me explicado que o *mimby apyja* é tocado aqui na Terra pelos humanos, e que seu som chega no céu, aos ouvidos dos deuses, como canto, como *purahéi* e *jeroky*. Com o mimby eles avisam o Pa´i Kuara (sol) onde estão, como nós, na cidade, avisamos pelo telefone. O *mimby* tocado, o sinal mimby, é como o raio, e o *mimby* é como uma linha telefônica. (MONTARDO, 2002, p.184).

Alargando a equiparação entre a agência de conexão dos instrumentos sagrados indígenas e os aparelhos de tecnologia não-indígena, feita por Michely e observada por Montardo, verifica-se que esta não é restrita ao uso do *mimby*. Tendo em vista que outros instrumentos, objetos e lugares que possibilitam a conexão dos Kaiowá e Guarani com os espíritos-guardiões também tem suas qualidades conectivas postas em comparação a aparelhos de alta tecnologia dos *karaí* (brancos). Vide Montanari e Sordi (2023) que em seu trabalho interlocutores assemelham às *Ogapysy/Ogusu* (Casas de reza) a um "roteador *wi-fi*", dada a capacidade que elas detém de engajar os Kaiowá e Guarani a uma rede de comunicabilidade entre os mundos visível e invisível. Tais comparações entre aparelhos e suas agências de conectividade são inquietações que levaram à formulação da proposta desta pesquisa, compreender o encontro entre múltiplos *Mba´ekuaa* (saber-fazer) para a produção audiovisual kaiowá e guarani.

Dessa maneira, foi por associações entre tecnologias, aparelhos e instrumentos sagrados que vislumbrei uma chave de leitura para pensar os modos de produção de imagens realizado por comunicadores indígenas dos povos kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul. Para tanto, tomo como guia nesta jornada de investigação um primeiro conceito, desenvolvido na seção I, Tecnologia Espiritual, cunhado por Anastácio Peralta (2022) e um segundo conceito, desenvolvido na seção II, *Mba'ekuaa,* termo nativo da língua Guarani que designa *"saber-fazer"* e ou sabedoria ancestral.

Fazendo o uso do conceito de Anastácio Peralta e do conceito nativo *Mba´ekuaa*, compreendo que comunicar-se com os outros, sejam eles humanos ou não-humanos, não é uma habilidade inaugurada na vida social dos Kaiowá e Guarani pelos aparelhos de comunicação *karaí* (brancos). Pelo contrário, estas tecnologias ao cruzarem os mundos

indígenas, passam a compor e dialogar com seus modos cosmológicos de comunicação, manejados pelos rezadores tradicionais via instrumentos de tecnologias espirituais (*mimby*, *mbaraká, takuapu*, *xiru*, etc).

Para compreender o termo aqui explorado e inaugurado por Anastácio Peralta retomaremos de maneira breve na seção I a etimologia da palavra “tecnologia". Entretanto, não é meu objetivo no presente trabalho esmiuçar o debate em torno do conceito de tecnologia, e sim debruçar-me sobre o termo vanguardista deste pesquisador indígena, com vistas a avançar e esgarçar os sentidos da conceituação iniciada por ele. Além disso, Anastácio Peralta é tomado como ponto de referência na seção I para que seja feito um trajeto que permitirá, por meio de sua história de vida, adentrar a aspectos das lutas políticas, desafios e o contexto dos Kaiowá e Guarani no estado do Mato Grosso do Sul. Além de compreender os caminhos que o levaram tornar-se um pesquisador nativo do povo Kaiowá.

A escolha de tomar como eixo central da seção I o termo Tecnologia Espiritual, fazendo orbitar à sua volta debates sobre a agentividade das *Ogapysy/Ogusu* na conexão dos indígenas com as divindades e os procedimentos espirituais que orientam a construção delas, reside no fato deste termo ajudar a vislumbrar os modos ancestrais de reprodução e estabilização da vida social kaiowá e guarani, ancorada na conexão destes com os espíritos-guardiões de seu cosmos.

Além do mais, a aposta no conceito de Tecnologia Espiritual reside em minha compreensão de que, quando este pesquisador indígena nomeia os modos de saber-fazer ancestrais de seu povo como “tecnologia” dá o primeiro passo na direção do que futuramente poderá ser definido como filosofia da tecnologia Kaiowá, estremecendo a centralidade de nosso caminho tecnológico como o único possível e desvelando formas não-hegemônicas de agir no mundo e de conceber tecnologia.

Na seção II, apresento o conceito nativo *Mba´ekuaa*, conhecido por mim por meio de trabalho de campo com comunicadores kaiowá e guarani, junto a descrição do termo está a distinção feita pelos *nhanderu* sobre os aparelhos e modos de *saber-fazer* indígena e não-indígena em dois quadros distintos de *Mba´ekuaa*. Com base neste debate, a mesma seção apresenta a maneira como a produção audiovisual dos kaiowá e guarani, por entre

múltiplos *Mba´ekuaa*, age para a continuidade do mundo indígena em situações de conflito vivenciadas por estes povos.

Mediante os conceitos guia de Tecnologia Espiritual e *Mba´ekuaa* manejados ao longo deste trabalho, percebe-se uma rede de comunicação cósmica na qual os Kaiowa e Guarani, junto a outros seres do cosmos indígena, são partícipes. Desta rede de comunicação indígena dependem os modos de criação/inovação do *saber-fazer* ancestral e os modos de manutenção/estabilização do mundo kaiowá e guarani e é por intermédio dela que os modos de vida considerados bons e harmônicos, na visão desses povos, encontram ressonância no plano terrestre.

Dentro dessa lógica, chamo atenção para uma habilidade de comunicação indígena estabelecida por meio de relações de alteridade que conectam, convocam e agem no mundo em conjunto com os espíritos guardiões. Neste contexto, a produção audiovisual é uma das vertentes da rede de comunicação indígena que será explorada no presente trabalho. Assim, as questões aqui inicialmente apresentadas servem como pano de fundo para a investigação que farei tendo como questões norteadoras: O que orienta e sustenta a produção imagética e fílmica kaiowá e guarani?

Considerando as questões ora mencionadas, formulo a hipótese de que a conexão com o mundo invisível é fundamento e guia da produção imagética kaiowá e guarani e da potência nela contida.

Por fim, cabe salientar que os povos indígenas que figuram nesta pesquisa, os Kaiowá e os Guarani, compõem o tronco linguístico Tupi-Guarani. Nesta classificação, existem três subgrupos: os guarani-nhandeva, guarani-kaiowá e guarani-mybá. No estado do Mato Grosso do Sul, são predominantes os guarani-kaiowá e os guarani-nhandeva. Quando utilizo a forma povos Kaiowá e Guarani estou fazendo menção aos guarani-kaiowá (Kaiowá) e aos guarani-nhandeva (Guarani). Esta nomenclatura também é preterida pelos movimentos políticos destes povos, já que realça o fato de tratar-se de povos diferentes entre si, apesar das semelhanças linguísticas e culturais que compartilham. Com relação aos interlocutores da pesquisa, opto por utilizar a forma como estes se auto identificam. Assim, estas palavras quando gravadas em letra maiúscula são substantivos e quando iniciam por letra minúscula estão na função de adjetivação de algum substantivo.

Indo a campo…

O trabalho de campo realizado para a elaboração da presente pesquisa se deu entre os anos de 2022 e 2023, em territórios ancestrais dos povos Kaiowá e Guarani no estado de Mato Grosso do Sul. Além de participações minhas em encontros e mobilizações do movimento indígena, eventos ocorridos em diferentes municípios do Mato Grosso do Sul e no Distrito Federal, Brasília. Nestas ocasiões, construiu-se um relacionamento com as experiências de campo através da aplicação da observação participante e de entrevistas em profundidade com realizadores e comunicadores kaiowá e guarani.

Nos territórios ancestrais e nos espaços do movimento indígena deparei-me com uma enorme variedade de "indígenas produtores de imagens". Alguns destes estavam empenhados em "*fazer Cinem*a", enquanto outros apresentavam-se à pesquisa como comunicadores indígenas, Youtubers, fotógrafos e/ou produtores de conteúdo digital. Nesta ecologia de práticas, optei por não me fechar na nomenclatura de realizador ou cineasta e adotei o termo comunicadores indígenas, de espectro mais amplo, para me referir ao ofício de meus interlocutores. Para tanto, retornei a etimologia da palavra "comunicação":

> A origem desta palavra nos leva à língua latina, onde encontramos as palavras communis comum', communio 'comunidade' e communicare 'fazer' ou 'tornar comum'. No campo lexical das origens da palavra latina communicare também se encontram as palavras mutare 'mover', 'mudar', 'trocar', mutuus, 'recíproco', 'em troca' e commutare, 'mudar', 'transformar','negociar', 'vender'.
>
> Todos estes sentidos são bem compatíveis ou estreitamente relacionados com o sentido da palavra comunicação, pois comunicação é um 'fazer comum', que implica 'participação', 'convivência' e 'convívio', comunicação tem a haver com intercâmbio social e troca de informação e pode levar a mudanças do pensamento ou do conhecimento. (NOTH, 2011).

É possível perceber que no sentido da palavra comunicação está a necessária relação com um outro. Dessa forma, o ato de comunicar instiga uma vontade de estar junto, de projetar-se para o social, para o mundo, para o que está além de si, sentidos esses que não diferem da intencionalidade dos comunicadores kaiowá e guarani ao produzirem suas imagens.

Acerca das entrevistas realizadas com comunicadores indígenas, mencionados anteriormente, registro que estas variaram entre visitas em residências dos comunicadores dentro e fora dos territórios ancestrais; meu encontro com eles em cerimônias ritualísticas, como o *Jerosy Puku,* realizado no ano de 2023 em *Guyra Kamby'i,* Douradina, MS e mobilizações indígenas e edições das assembleias de base de seus povos, como a Kunhangue Aty Guasu (2022) e Aty Guasu (2023).

Dentre estes encontros destaco conversas realizadas nas residências de Luan Iturve e Scott Hill (2022, 2023) e de Germano Lima no território ancestral de *Guyra Kamby'i*, no município de Douradina, MS (2023); com Eliel Benites na Faculdade Intercultural Indígena - FAIND/UFGD (2023), com Nailson durante a X Kunhangue Aty Guasu (2022) e na manifestação indígena contra o Marco Temporal (2023), com Michely Fernandes e Emerson durante o Jerosy Puku em *Guyra Kamby'i* e com Kiki (2023) do território ancestral Panambizinho, este último via chamada de vídeo.

A seguir, listo as experiências de trabalho de campo em que acompanhei a atuação política de jovens kaiowá e guarani dos núcleos de comunicação dos movimentos Kunhangue Aty Guasu, Aty Guasu e RAJ - Retomada Aty Jovem. Nesse sentido, junto a descrição delas incluo, nos casos em que existem, os folders de divulgação dos eventos/cerimônias/mobilizações indígenas dos quais participei. Pois, esta ao se tratar de uma pesquisa sobre a atuação cosmopolítica das imagens, é acrescida daquelas produzidas por indígenas que, em um gesto político, intencionam, entre outras coisas, atingir o público dos não-indígenas, convidando-os a participar de seus eventos. Os *folders* aqui apresentados tiveram ampla circulação nas redes sociais com sua divulgação em perfis das organizações indígenas supracitadas.

Vale ressaltar que algumas experiências têm em comum como evento principal a inauguração de uma *Ogapysy/Ogusu*, instrumento espiritual retratado na seção I deste trabalho. Tais eventos ajudaram-me a observar mais de perto o fenômeno da queima de Casas de Rezas em diversos territórios ancestrais kaiowá e guarani no estado do Mato Grosso do Sul. Tal fenômeno também é descrito na seção I. Ademais, a Kuñangue Aty Guasu - Grande Assembléia da Mulheres Guarani Kaiowá, teve atuação direta no registro audiovisual dos incêndios criminosos de casas de reza tradicionais, bem como na reconstrução e inauguração destas, como pode ser visto a seguir.

➵ Inauguração da I casa de medicina tradicional kaiowá e guarani da *nhandesy* e parteira Kuna Yvoty. A casa *"**Oga Yvoty"*** foi inaugurada no dia 19 de março de 2022, no território ancestral *Guapo'y*, Amambaí-MS.

Foto 5: Folder de divulgação da Inauguração Oga Yvoty, publicado pela Kunhangue Aty Guasu em seu perfil de Instagram, em 18 de março de 2022.

➵ Inauguração da Casa de Reza ***"Ogusu Nengarendy"***, no Território de *Nhanderu Marangatu Cedro*, município de Antônio João, MS entre os dias de 22 a 23 de abril de 2022.

Foto 6: Folder de divulgação da Inauguração da *"Ogusu Nengarendy"*, publicado pela Kunhangue Aty Guasu em seu perfil de Instagram, em 20 de abril de 2022.

➵ Inauguração da *Ogapysy/Ogusu*, *"Ogusu Taperendy"*, no território ancestral de *Itay*, no município de Douradina, MS, entre os dias 07 a 08 de maio de 2022.

Foto 7: Folder de divulgação da Inauguração da *"Ogusu Taperendy"*, publicado pela Kunhangue Aty Guasu em seu perfil de Instagram, em 27 de abril de 2022.

➵ Participação na X Kuñangue Aty Guasu, entre os 22 a 26 de novembro de 2022, no território ancestral *Ñanderu Marangatu Cedro*, município de Antônio João/MS.

Foto 8: Folder de divulgação da X Kunhangue Aty Guasu, publicado pela Kunhangue Aty Guasu em seu perfil de Instagram, em 20 de outubro de 2022.

➵ Participação no encontro da Aty Guasu - Grande Assembléia do povo Kaiowá e Guarani entre os dias de 22 a 26 de novembro, no território ancestral *Kumuni Poty Vera*, no município de Caarapó, Mato Grosso do Sul.

➵ Participação na manifestação indígena contra a PL do Marco Temporal no dia 7 de Junho de 2023, em frente a Reserva Indígena de Dourados, MS.

Foto 9: Folder convocatório para a manifestação contrária à aprovação do Marco Temporal, publicado pela Kunhangue Aty Guasu em seu perfil de Instagram, em 06 de junho de 2022.

➵ Participação no ritual *Jerosy Puku* (batismo do milho branco) no território ancestral de *Guyra Kamby'i*, Douradina, MS, nos dias 07 e 08 de abril de 2023.

Foto 10: Folder convocatório o ritual de batismo do milho branco, Jerosy Puku, em Guyra Kamby´i, Douradina, MS, publicado pela Kunhangue Aty Guasu em seu perfil de Instagram, em 07 de abril de 2023.

Somam-se a essas experiências, a minha participação como fotógrafa voluntária na cobertura coletiva das edições de 2022 e 2023 do Acampamento Terra Livre, em Brasília. Nestas duas edições, estive junto a delegação dos Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul, em diálogo com os comunicadores indígenas destes povos, tais como Sandriele, Kaiowá e residente da Reserva Indígena de Amambai - MS; e Kaio, Kaiowá, da Reserva Indígena de Dourados, MS.

No regresso da delegação do ATL para o estado do Mato Grosso do Sul, em 2023, testemunhei a visitação dos *nhanderu* e *nhandesy* a exposição *"Mba'ekuaa: O Saber-Fazer Guarani e Kaiowá*", que apresentava uma seleção de registros audiovisuais para o Acervo Multimídia Guarani e Kaiowá, uma colaboração internacional entre a Kuñangue Aty Guasu, o Instituto de Desenvolvimento da Arte e da Cultura (IDAC) e o Laboratório de Antropologia Multimídia da Universidade de Londres (UCL MAL). A exposição estava sediada no Museu da Imagem e do Som de MS (MIS-MS), em Campo Grande, Mato Grosso do Sul e contou com materiais audiovisuais de Scott e Luan.

C2 | Campo Grande-MS | Quarta-feira, 20 de abril de 2022

ARTES & LAZER

O ESTADO

MIS

Exposição será inaugurada em novembro de forma virtual e imersiva em Londres

Exposição Mba'ekuaa: O Saber-Fazer Guarani e Kaiowá está aberta até junho

Acervo que conta com imersão sensorial e som ambisônico é uma colaboração entre Brasil e Reino Unido

Marcelo Rezende

Está aberta para visitação no MIS-MS (Museu da Imagem e do Som de MS) a exposição Mba'ekuaa: O Saber-Fazer Guarani e Kaiowá, que apresenta uma seleção dos registros produzidos para o Acervo Multimídia Guarani e Kaiowá, uma colaboração global entre a Kuñangue Aty Guasu, o IDAC (Instituto de Desenvolvimento da Arte e da Cultura) e o UCL MAL (Laboratório de Antropologia Multimídia da Universidade de Londres). A exposição fica aberta até o mês de junho.

O projeto é realizado em parceria com o British Museum's EMKP, no Reino Unido, e tem como foco documentar os processos materiais e os conhecimentos técnicos por meio dos quais as casas de reza guarani e kaiowá (Oga Pysy) são construídas, e as práticas rituais que essas estruturas possibilitam.

O projeto também interroga os processos materiais, conhecimento técnico e as relações sociais por meio dos quais os acervos de patrimônio cultural são construídos e apresentados, experimentando com mídias digitais de imersão sensorial como HV/360 e som ambisônico, o registro e a busca de novas relações colaborativas com as comunidades locais.

On-line e presencial

O resultado do processo de pesquisa, realizado desde 2020 de forma on-line e presencial, entre as comunidades tradicionais, pesquisadores e artistas de mais de 30 países do mundo, será apresentado no Reino Unido e entregue às comunidades tradicionais guarani e kaiowá de Mato Grosso do Sul, servindo como um arquivo histórico que permitirá às comunidades manterem um registro das práticas materiais existentes, porém ameaçadas, o conhecimento cosmológico que elas contêm, além de servir como um modelo para garantir que essas práticas materiais e as relações sociais e cosmológicas que elas articulam sejam acessíveis para as gerações futuras.

A exposição Mba'ekuaa: O Saber-Fazer Guarani e Kaiowá foi aberta na última sexta-feira (15) com a visita dos rezadores guarani e kaiowá. Estiveram presentes no MIS-MS cerca de 55 pessoas que vivem no Cone Sul do Estado, em áreas demarcadas e de retomada, que estavam em Brasília e fizeram uma reza de abertura na passagem por Campo Grande.

"É uma exposição que busca colaborar com a manutenção da cultura e das práticas ancestrais e faz reverência às comunidades tradicionais guarani-kaiowá de Mato Grosso do Sul. É uma satisfação enorme receber essa exposição com a participação dos nhanderus e das nhadesys (rezadores tradicionais) nessa passagem por Campo Grande, e ter agora, aqui no MIS-MS, um fragmento do que será inaugurado em novembro de forma virtual e imersiva em Londres", finalizou a coordenadora do MIS-MS, Marinete Pinheiro.

Foto 11: Imagem divulgação da exposição Mba´ekuaa: O Saber-Fazer Guarani e Kaiowá, publicado pela Kunhangue Aty Guasu em seu perfil de Instagram, em 20 de abril de 2023.

As imagens no texto

As fotografias presentes neste trabalho são majoritariamente de minha autoria, registros de experiências de trabalho de campo com os kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul. Outras fotografias tem a autoria de comunicadores indígenas ou de membros de territórios ancestrais, por eles cedidas para uso neste trabalho. Autorias a parte, elas foram selecionadas meticulosamente para que os leitores pudessem, através delas, adentrar visualmente no trabalho de campo realizado. Por meio delas, tem-se o trajeto por mim percorrido na construção desta pesquisa, os temas registrados em minhas fotografias tem como fundamento o *saber-fazer* kaiowá e guarani, em que eu figurava como aprendiz. Ou seja, seus olhares sobre o mundo guiavam o foco de minha câmera, numa simbiose entre o meu saber-fazer e o saber-fazer indígena. Dessa forma, qualquer das imagens é portadora de vozes que os representam para além do que este texto pode revelar sobre seus mundos e seus saberes.

SEÇÃO I

1. TECNOLOGIAS ESPIRITUAIS - CASAS DE REZA E OS CANAIS DE INTERLOCUÇÃO CÓSMICA

Foto 12: Arquivo pessoal, 2022. Cerimônia de *Jerosy Puku* no tekoha *Guyra Kamby'i*, Douradina, MS.

Foto 13: Arquivo pessoal, 2023. *Anastácio recebendo reza, na ogapysy* da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

No interior da *Ogapysy/Ogusu* (Casa de Reza), indígenas dos povos Kaiowá e Guarani, lado a lado, entoam um canto (foto 13). Na liderança da corrente está o *nhanderu* Lídio, rezador tradicional do povo Kaiowá. Ao seu lado, jovens e mulheres indígenas, pulsam o *Mbaraká* em um movimento de sobe e desce que faz com que sementes que estão no interior do instrumento colidam contra da calabaça que as envolve, produzindo um som aberto e estridente. Outras duas mulheres, resignadamente, tamborilam contra o chão vermelho da Casa de Reza, a *Takuapu*, instrumento musical feito de bambu tocado somente por mulheres.

A takuapu, o mbaraká e *xiru* são instrumentos de manifestação dos guardiões *(mba'e jára kuéra)*. A *takuapu* "é um bastão de ritmo confeccionado com taquaras cortadas em tamanhos diversos. Nos rituais ele é batido pelas mulheres sobre a terra fazendo o som dos trovões, marcantes e ouvidos a larga distância. A alma dos diversos deuses se expressam através dos *Takuapus* [...]" (MAI, Museu de Arte Indígena); o *Mbaraká*, por sua vez, é "feito de porongo com sementes dentro e com cabo de madeira. Dentre seus usos ritualísticos está o resfriamento dos corpos em estado de calor associado com períodos de transição entre o que se é e o que se está por ser. As pessoas, os frutos da terra e os instrumentos rituais passam por um "resfriamento" e os provém de "temperança" caracterizado por um modo de ser calmo". (MAI, Museu de Arte Indígena). Já o *xiru* são "varas e cruzes derivadas de um tipo específico de madeira (*myroxylon peruiferum*), que são transmitidos e conservados por gerações. Tal importância dada pelos índios aos xiru deve-se ao fato de estes não serem considerados meros objetos, nem meros veículos, mas também sujeitos de ação. [...]" (MURA, 2010, p.125). Posicionado de frente para o *nhanderu* e os instrumentos sagrados, Anastácio Peralta, em posição de respeito, recebe de cabeça baixa, a reza. Tal registro integra o trabalho de campo desta pesquisa e ao abrir essa seção figura como um mapa que nos permitirá trilhar uma aproximação com os dois pontos de referência de minha argumentação: Anastácio Peralta e as *Ogapysy/Ogusu* (Casas de reza).

Apresentarei a vocês, primeiro, Anastácio Peralta. Para isso, utilizarei a postura corporal dele em cena na fotografia supracitada (foto 13), como um recurso interpretativo para evidenciar nuances importantes em sua trajetória de vida. A escolha de apresentar Anastácio se dá não unicamente por ele ser um dos interlocutores da pesquisa e autor do conceito de Tecnologias Espirituais (2022) a ser trabalhado nesta seção, mas, também, por sua trajetória pessoal encontrar correspondência na história coletiva dos Kaiowá e Guarani no Mato Grosso do Sul. Considerando que fatos importantes de sua vida são produtos e respostas a eventos e atores sociais determinantes na história de seu povo.

Dito isso, tomaremos como ponto de referência a posição de Anastácio na imagem (foto 13)[5]. A sua frente está posicionado um *nhanderu*, liderança espiritual e política, e o *xiru*, objeto-sujeito de reverberação das divindades kaiowá. Ambos, detém acesso privilegiado a face de Anastácio, abrigo de sua visão, fala e pensamento. Noutras palavras, defronte ao seus sentidos e pensamento está, como um guia, a espiritualidade kaiowá. Essa, em sua trajetória de vida desenhou filigranas que funcionam de forma circular, em uma integração entre presente, passado e futuro originando um terreno fértil para o cultivo do *teko porã* (bem viver)[6]. Nas palavras de Anastácio:

> O teko porã, no contexto do meu povo, é pensado a partir da harmonia com todo o cosmo, com todos os seres. Nosso bem viver é poder ter sementes vivas, terra viva, flores colorindo o universo, pássaros sobrevoando alegre nossos tekoha. É termos nossas crianças crescendo felizes, saudáveis e nossos anciãos e anciãs vivendo não só a utopia de retorno à terra sagrada, mas termos garantia de que os alimentos são para a vida e não para a morte. (PERALTA, 2022, p.68).

Sob outro ponto de vista, nas costas de Anastácio está sua trajetória de vida dentro e fora da aldeia. Neste enquadramento, o foco é o relacionamento de Anastácio conosco, espectadores e partícipes da sociedade não-indígena. Bem como com as forças do Estado nacional, as instituições civis e religiosas, a Universidade e os interesses capitalistas.

---

[5] Ressalto que a interpretação da imagem não pretende representar a cosmologia Kaiowá e Guarani, ela ultrapassa a concepção destes povos sobre o tempo (passado, presente e futuro); a relação e a influência dos patamares celestes sobre a vida terrenal e a noção de pessoa destes coletivos. Aspectos da cosmologia serão abordados ao longo da seção, passearemos por eles para compreender a importância das *Ogapysy/Ogusu* (Casas de reza) e a potência das Tecnologias Espirituais. Neste momento, o objetivo é evidenciar o papel da espiritualidade na vida de Anastácio.

[6] A compreensão do conceito nativo de *teko porã* e outras informações sobre a trajetória de Anastácio partem de sua dissertação de mestrado "Tecnologias Espirituais: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani", defendida no ano de 2022.

Na esteira dessa reflexão, vale ressaltar que Anastácio Peralta nasceu em uma das primeiras Reservas indígenas criadas no estado do Mato Grosso do Sul (antigo Mato Grosso), a Reserva *Te´yikue,* no município de Caarapó. Essa, criada pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em 1924, é resultado de uma série de políticas implementadas pelo estado brasileiro no final do século XIX e início do século XIX, que promovia o esbulho dos territórios indígenas para ocupação e exploração econômica. Ao mesmo tempo, ações de cunho integracionista e assimilacionista eram impostas às populações indígenas. Sobre este contexto, a pesquisadora Juliana Mota (2015, p.157) demonstra que:

> O Estado brasileiro, por mediação do SPI, criou políticas indigenistas e realizou ações que viabilizaram o contato interétnico entre indígenas e não-indígenas, o qual, consequentemente, viabilizou a ocupação-colonização de seus territórios étnicos ancestrais enquanto garantia aos indígenas poucas e escassas terras sob o desígnio de reservas, como territórios privilegiados para a realização do processo de assimilação e integração dos indígenas como trabalhadores não-indígenas à sociedade brasileira.

Em sua célebre pesquisa sobre *"O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá e Guarani"*, o historiador Antonio Brand, chama atenção para o fato da criação e deslocamento de famílias Guarani para as reservas não representar apenas um deslocamento geográfico, mas também um forte impacto nos modos tradicionais de subsistência e liderança, com o esmorecimento da conexão com o sobrenatural:

> A vida dentro das Reservas impôs aos Kaiowá e Guarani profundas transformações na relação com o território. Pois, ao perder a sua aldeia, eles foram obrigados a disputar um lote cada vez mais reduzido dentro das Reservas. O confinamento e a crescente imposição do trabalho assalariado, como alternativa à subsistência, atingiu as bases de sua economia tradicional. E, finalmente, houveram alterações no sistema de chefia, com imposição da figura do capitão. Tudo isso refletiu na gradual inviabilização da religião tradicional, entendida aqui como as práticas e crenças, por intermédio das quais expressavam a sua relação com o sobrenatural, que, ao mesmo tempo, constituíam-se em referenciais básicos indicativos de cultura (BRAND, 1997, p.204).

No transcorrer dos fatos históricos que determinam tais transformações culturais e geográficas, a trajetória de vida de Anastácio Peralta o coloca como um agente em prol dos modos tradicionais de vida Kaiowá e Guarani, na medida em que ele afirma "me tornei observador do aldeamento, da expulsão para os fundos de fazendas e cidades, da busca pelos territórios tradicionais, das violências sofridas pelos governos e das violências sofridas pela população anti-indígena do Estado" (PERALTA, 2022, p.12). Dentre muitas de suas ações que

corroboram para essa questão, destaca-se o projeto iniciado por ele, no ano de 1994, intitulado *"Teko Joja"*, na Reserva indígena de Dourados "que tinha como objetivo debruçar sobre teorias e práticas do bem viver para o nosso povo indígena, cultivando ideias de roças, cultivos e sustentabilidade sob os olhares Kaiowá e Guarani (PERALTA, 2022, p.12).

Na efervescência das lutas do movimento indígena, nos anos 70 e 80, a Constituição Federal de 1988 rompeu "juridicamente (ideologicamente) um projeto secular de desindianização" (VIVEIROS, 2006, p.5), outrora determinado por políticas de assimilação dos povos indígenas à sociedade nacional, ao assegurar no artigo 231 o direito "a organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam" (BRASIL). No tocante à educação, o artigo 210, em parágrafo segundo, garante às comunidades indígenas o direito de "utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem." (BRASIL). Assim, nasce a necessidade de formação de professores para atuar na incipiente educação escolar indígena.

Especificamente sobre os povos Kaiowá e Guarani, Eliel Benites, pesquisador Kaiowá, em sua dissertação sobre a educação escolar indígena na Reserva *Te'yikue* afirma que "partir de muitas lutas e movimentos políticos, foi conquistado o primeiro curso de formação específica kaiowá e guarani, denominado Ára verá (espaço/tempo iluminado), iniciando a primeira turma em 1999" (BENITES, 2014 p.74). Curso, de nível Médio, do qual Anastácio atuou como assessor da equipe de formação, junto a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul (SED), além de discente desta primeira turma a formar professores indígenas.

Firme em seu propósito de reverberar pela sociedade não indígena os saberes e conhecimentos tradicionais do povo Kaiowá, Anastácio adentrou, em 2008, no curso de formação em nível superior Licenciatura Intercultural Indígena - Teko Arandu, na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados. Seu perfil de educador encontrou-se com sua face de pesquisador no Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade - PPGET da UFGD. Atualmente, é doutorando em Geografia pelo Programa de Pós-graduação em Geografia - PPGG da mesma universidade. Em reflexão sobre sua trajetória, Anastácio afirma:

> Com muita alegria tive a oportunidade de contribuir, nessa minha jornada, como palestrante em diversas escolas estaduais e municipais de ensino fundamental, médio e em universidades em todo o Brasil e até no

> Parlamento europeu, onde, além de aprender e ensinar, usei o espaço para denunciar as injustiças que vivemos (PERALTA, 2022, p.13).

A trajetória individual de Anastácio não é solitária, pois carrega consigo o compromisso com a história dos povos Kaiowá e Guarani, que lutam pela efetiva garantia dos seus direitos constitucionais. Em uma analogia, a busca por conhecer a história de contato entre indígenas e não-indígenas assemelha-se a um flecha, que calcada no arco da sabedoria ancestral, retrocede tensionada para avançar rumo a melhores estratégias de luta, na defesa dos conhecimentos e territórios tradicionais. Desse modo, ele reitera:

> Decidi assim pesquisar e estudar mais para eu compreender melhor o que este sistema perverso pensa e prepara para mim e para todos os descendentes do meu povo; pois estando preparado, posso dialogar com equidade, posso melhor defender o modo de ser e viver do meu povo, que não é estático e que tem sido prejudicado desde a invasão dos nossos territórios pelos colonizadores. (PERALTA, 2022, p.14).

Noutras frentes, o professor, mestre e futuro doutor Kaiowá ensejou ampliar seu campo de atuação política. Na esfera da política institucional, candidatou-se ao cargo de deputado federal do Mato Grosso do Sul (MS) pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em 2014. No cenário das artes, participou de documentários audiovisuais como "Sementes de sonhos" (2009), "À sombra de um delírio verde" (2010) e *Yvy Poty* – Flores da Terra (2018). Atuação que vai de encontro às palavras da ativista indígena Txai Suruí, do povo Suruí, quando declara que "Povos indígenas vêm utilizando a arte, o audiovisual, o cinema e a cultura como formas de resistência".

Sobre este último ponto, o diálogo de Anastácio com o audiovisual não se encerra em sua participação nos documentários já citados, pois, o termo cunhado por ele, Tecnologias Espirituais (2022), evidencia o "*saber-fazer"* Kaiowá e Guarani, intrínseco à Tecnologia das Imagens, apresentada neste trabalho. A correspondência entre os esses dois conceitos chama atenção para a interrelacionalidade dos indígenas com seres demiurgos de seu cosmos, que os orienta em quaisquer atividades desempenhadas pelos Kaiowá e Guarani, sejam elas o cultivo de uma roça tradicional até a filmagem de um documentário.

A trajetória que nos leva a conhecer Anastácio e o povo Kaiowá e Guarani tem como segundo ponto de referência às *Ogapysy*/*Ogusu*, Casas de Reza. Na busca por vislumbrar a conexão espiritual que marca a inventividade Kaiowá, os processos de construção das Casa de

Reza e o papel desempenhado por elas na vida social das comunidades serão apresentados.. Para tanto, prestemos atenção à imagem localizada na página seguinte.

Foto 14: Arquivo pessoal, 2023. Esqueleto da *Oga pysy,* localizada na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) - UFGD.

Ao mirarmos a fotografia de uma Casa de Reza em construção, os espaços vazios denunciam que o tempo é fator necessário para que a matéria orgânica, o sapé (*jahape)* e as estacas de bambu e madeira, alcancem a maturação adequada para cobrir lacunas e construir espaços de convivialidade. Evidenciando, que o abraço entre o tempo e os elementos naturais são essenciais na engenharia kaiowá e guarani.

Em conversa com Eliel Benites[7] outras questões emergem como primordiais nesta construção, os cortes de sapé e a madeira devem respeitar as fases da lua e estações do ano, para garantir que os espíritos guardiões adentrem a este espaço. Considerando a escassez da madeira tradicionalmente utilizada, a *yvyra katu* (madeira sagrada), o uso de eucalipto é permitido, desde que seja abençoado pelos anciãos. Além disso, no topo da estrutura o madeiramento deve ser de *taquarusu (*bambu*)*, que por maleável permite ser amarrado na forma de um arco.

Foto 15: Arquivo pessoal, 2023. *Oga pysy,* Casa de Reza localizada na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Questões geracionais e de gênero também compõe a metodologia de construção de uma Casa de Reza, pois os jovens do sexo masculino podem ajudar na obra sob orientação do construtor mestre, mas não devem realizar o trabalho de cobertura da casa, principalmente na colocação dos sapes que estão na base e fazem contato com o solo, por acreditarem que quando o sapé apodrece este jovem pode vir a falecer. Outra regra é manter as mulheres que estão no

[7] Em entrevista a mim concedida no dia 12 de dezembro de 2023, Eliel Benites, compartilhou comigo suas impressões sobre as Casas de Reza, além de fornecer o registro delas em material impresso ainda não publicado por ele.

período menstrual distantes da Casa de Reza, para que as madeiras e o sapé não sejam carunchados.

O acesso ao interior da Casa de Reza se dá por três portas, duas laterais e uma principal. Esta última, conhecida pelos Kaiowá como *okendusu*, deve ser posicionada voltada para o leste, para que os guardiões a visitem e a abençoem (*jehovasa)* com o adentrar da luz do sol ao amanhecer, segundo a crença dos mais velhos. As outras duas portas posicionam-se à direita e à esquerda da principal. Segundo Izaque João (2011, p.55), pesquisador Kaiowá, a comunicação entre os xamãs e as divindades é feita através do overá (relâmpago) que entra pela porta principal da Casa de Reza. Assim, é possível perceber tal arquitetura tem como premissa a geografia dos patamares celestes onde "todos os deuses têm o seu território delimitado, todos ficam na posição leste e são considerados impenetráveis pelos espíritos maus e também por aqueles que não rezam" (JOÃO, 2011, p.55).

Foto 16: Arquivo pessoal, 2022. Ogapysy/Ogusu (Casa de Reza) do tekoha de Nhanderu Marangatu, Antônio João, MS.

Foto 17: Arquivo pessoal, 2023. *Okendusu* da casa de reza na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Foto 18: Arquivo pessoal, 2023. *Okendusu* e porta lateral da Casa de reza, Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

No interior da Casa de Reza, em direção à porta principal, está o *yvyra´i* (pequena madeira colorida) ou *yvyra para* (madeira colorida em preto). As suas costas, em uma espécie de altar (*kurusu marangatu*), repousam objetos xamânicos utilizados pelos Kaiowá e Guarani na interlocução com as várias dimensões do universo, como os xiru, o *vatéa* (pequeno pocho), os *mbaraká*, as *takuapu* e o *mimby* (flauta pequena). Além de bebidas ritualísticas como a *chicha* e o *yete.* Sobre a organização destes aparelhos de comunicação cósmica, Eliel Benites nos conta que:

> Este altar é o centro máximo do espaço sagrado porque os guardiões ficam nele empoleirados semelhantes aos pássaros, como contou a minha avó anteriormente. Neste pequeno cocho é obrigatório colocar bebida tradicional chamada chicha (bebida feita de milho branco) ou yete (chá fria feita de casca ou folha de cedro) para molhar e afinar a garganta, para que a entonação das vozes seja harmônica e grave para cantar o *porahéi* (cantos originais). (Relato Eliel Benites, 12 de dezembro de 2023).

Foto 19: Arquivo pessoal, 2023. Raios de sol adentrando pela *Okendusu* da Casa de Reza e iluminando o *yvyra´i* (pequena madeira colorida), na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Foto 20: Arquivo pessoal, 2023. *Yete*, chá frio feito de casca e folha de cedro, na cerimônia de Inauguração da *Ogapysy/Ogusu, Casa de Reza,* na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Foto 21: Imagem cedida por Luan Iturve. Nhanderu bebendo chicha após a cerimônia do *jerosy puku* (batismo do milho branco).

Sob o olhar de Eliel Benites "A casa de reza é um dos espaços na aldeia onde se encontram todas as coisas/seres do mundo Guarani e Kaiowá" e que esta força centrípeta das *Oga pysy* atua por intermédio de cânticos xamânicos específicos pelos quais são convocadas as entidades celestes do cosmos para que nas cerimônias ritualísticas a "cura dos corpos dos humanos, das terras, das águas, dos animais, dos vegetais e outros seres que povoam os *tekoha* (territórios tradicionais)" seja promovida.

Acerca das entidades celestes que participam do universo kaiowá, o antropólogo Levi Pereira Marques explica que:

> Entre os seres não-humanos com os quais os Kaiowá se relacionam intensamente estão as diversas espécies de "donos" ou jara, como dizem em guarani. O espaço em que vivem os seres com os quais os Kaiowá se relacionam está dividido em distintos domínios, a cada domínio correspondendo uma determinada categoria de jara. Assim, temos os jarapara: morros de pedra, pântanos, florestas, plantas agrícolas e os diversos

> tipos de animais silvestres (*mymbá*) e domésticos (*rymbá*) (MARQUES, 2004, p.232).

Na compreensão das relações estabelecidas entre os indígenas e os *Jara*, faz-se necessário ressaltar que a qualidade deste relacionamento é fator decisivo para manutenção da vida em coletividade, bem como a saúde e a abundância de alimentos nos territórios tradicionais. Tal enfoque, é abordado por Levi ao apontar que o sucesso das técnicas Kaiowá de subsistência dependem desta comunicação cósmica:

> As técnicas de caça, pesca e coleta permitem manejar os recursos de forma apropriada e conseguir uma certa regularidade no suprimento dos produtos da floresta. Mas o controle canônico sobre o fluxo produtivo da floresta depende diretamente da relação que os humanos, através do xamã, conseguem estabelecer com os diversos *jara*, responsáveis pelas distintas espécies de seres animais e vegetais. (MARQUES, 2004, p.175).

Estabelecida esta conexão com os *Jara* por meio dos rezadores tradicionais, a Casa de Reza é condição para que haja a permanência de rituais e cerimônias, que no presente, atualizam a relação dos Kaiowá com o *tekoymã* (modo de vida dos antigos) e os elementos constitutivos do *tekoha*, como as matas, os rios, o cultivo das roças tradicionais, o uso de plantas medicinais, entre outros.

No ano de 2022, em pesquisa de trabalho de campo, participei da cerimônia do *jerosy puku* (batismo do milho branco), no tekoha *Guyra Kamby'i*, no município de Douradina, MS. Na ocasião, o *yvyraija* (aprendiz de rezador) Germano Lima, declarou *"aqui não tem fome",* em razão do empenho dos rezadores locais em manter viva a prática de rituais no calendário anual da comunidade. Em contrapartida, territórios em que não há condições para a realização de tais agenciamentos cosmológicos, a exemplo, a ausência de uma Casa de Reza e/ou rezadores com conhecimento dos cânticos específicos[8] do *jerosy puku*, a fome manifesta-se e enfraquece o *tekoha e* distancia a comunidade dos modos tradicionais de vida.

Acerca desta dinâmica ritualística, o antropólogo Diógenes Cariaga, em diálogo com um *yvyraija* da aldeia Panambizinho, conta-nos que o *jerosy puku* difere-se do *jerosy*, "canto-reza-ritual" feito pelos Kaiowá para eventos específicos. Sobre esse último, uma das aplicações dele destina-se a "cura, cuidado e proteção do *nhe´e* (tanto espírito-nome, quanto

[8] Encorajo a leitura do belíssimo trabalho de dissertação do pesquisador Kaiowá Izaque João (2011) sobre os cantos rituais da cerimônia de batismo do milho saboró, *jerosy puku.*

espirito-corpo) e é também utilizado em atividades cotidianas, onde fazem *jerosy* para benzer o tempo, espantar animais nocivos e para as roças" (CARIAGA, 2012, P.62). Por outro lado, o *jerosy puku*, de duração mais longa, é realizado com a intenção de estabelecer comunicação com o *Jakaira* (divindade-dono do milho branco) e formas vegetais de vida que estão sob seu domínio enquanto *Jara*, tendo em vista que no ritual são benzidos além do milho branco, o cultivo de outros alimentos. Assim, Diógenes constata que outros cantos são derivações do *Jerosy Puku* e a realização deste promove comunicação também com *Paí Kwára (sol)*:

> [...] feito para Jakairá e suas criações e é também o canto-dono, do qual dele se derivam outros cantos e por sua vez, a realização dele estabelece um evento de dupla comunicação: quando o *mimby* é tocado pelo rezador humano, *Paí Kwára* e *Jakaira* em seus devidos patamares celestes, ao ouvirem o som emitido pela flauta-ritual, tocam seus *mimbye* e dão início a uma comunicação entre as rezas que criam um caminho entre os planos". (CARIAGA, 2012, p.62).

Considerando o valor destes espaços na cultura Kaiowá e Guarani, Eliel Benites, afirma que:

> A presença desta casa [*Oga pysy]*, nas aldeias de hoje, sustenta e garante o convívio no modo do *tekoyma* (modelos de ser dos antigos, dos antepassados, dos guardiões), ou seja, modos de existir baseado no sagrado e na perfeição divinas que são fundamentos dos valores Guarani e Kaiowá. Na realização sistemáticas dos rituais na casa de reza como *jerosy* (batismo do milho branco), *mitã karai* (batismos das crianças), *kunumi pepy* (ritual de perfuração dos lábios dos meninos), por exemplo, a memória dos ancestrais se torna vivo referenciando e sustentando modos de existir no tempo de hoje, dando segurança necessária para multiplicidade das relações entre os humanos e não humanos no seu contexto. (Relato Eliel Benites, 12 de dezembro de 2023).

Foto 22: Arquivo pessoal, 2023. *Yvyraija* Germano Lima filmando com seu celular a cerimônia do *jerosy puku* (batismo do milho branco), tekoha *Guyra Kamby'i*, no município de Douradina, MS.

Firmadas no chão dos *tekoha* , as *Oga pysy* atuam como um canal de comunicação em que a memória dos antigos encontra as gerações Kaiowá mais novas. Os conhecimentos ancestrais e modos tradicionais de vida (*tekoyma*), cultivados em outras temporalidades e lugares da geografia celeste Kaiowá, promovem concomitantemente a aproximação dos jovens indígenas do *teko porã* (jeito de ser belo), característico do *Ára ypy* (tempo matriz)[9] e o afastamento destes do *teko pochy* (modo maléfico/predatório de ser), presença nociva nas reservas indígenas.

Neste sentido, a importância das *Ogapysy/Ogusu* (Casas de reza) é inegável nas comunidades por promoverem o encontro entre categorias nativas distintas, *teko pyhau (*novos modos de ser inaugurado pelo contato com os não-indígenas e/ou modo de ser dos mais jovens*)* e *teko ymaguare* (modo de ser dos antigos e/ou no tempo dos antigos). Estas categorias atuam, ao mesmo tempo, como marcadores temporais e morais (CARIAGA, 2012, p.56), cuja articulação resulta na depuração dos modos de vida dos Kaiowá na contemporaneidade. Neste curso, elas fornecem subsídio para que as futuras gerações sejam

[9] Segundo Eliel, o Ára ypy "é um tempo matriz, sentido universal da criação, onde/quando as forças criaram sistemas favoráveis para gerar outros sistemas e seres que configuram o tempo (mundo) de hoje. A ideia do *ára ypy* não é um tempo passado, como sugere o termo, mas o tempo matriz porque assegura o tempo de hoje para a existência dos seres. Os antigos dizem que o *ára ypy* estava presente no mundo dos humanos e pela maldade humana foi necessário se elevar aos patamares superiores". (Relato Eliel Benites, 12 de dezembro de. 2023).

alimentadas e asseguradas nos modos harmoniosos de viver e conviver, tais como o *teko porã* (jeito belo de ser), que abre uma via para que se chegue ao *teko Araguyje* (jeito sagrado de ser), isso significa alcançar a perfeição atribuída aos seres pertencentes aos patamares celestes superiores.

Eliel, nosso interlocutor Kaiowá, aponta que existe uma multiplicidade de caminhos iluminados, chamados de *tape rendy* que interligam o *tekoha* (aldeia, mundo terreno) ao *Ára ypy* (o tempo-matriz). A Casa de Reza é mais um deles, por funcionar como uma via de comunicação entre seres humanos e não-humanos, de distintos tempos e espaços. Tal faculdade, nos permite relacioná-las ao conceito de Tecnologias Espirituais, cunhado por Anastácio Peralta (2022). As *Ogapysy* enquanto instrumentos de comunicação permitem o acesso às vias que ligam os Kaiowá aos entes demiurgos e ao mundo sobrenatural, orientadores dos modos tradicionais de viver Kaiowá e Guarani.

1.1 Ogapysy/Ogusu, Uma Tecnologia Viva

Na companhia de Anastácio Peralta, enquanto a chuva se aproximava do banco em que estávamos, em frente a Faculdade de Ciências Humanas da UFGD, conversamos sobre a vida que flui livre nas criações kaiowá. Para ele, as Tecnologias Espirituais são tecnologias que os indígenas dispõem para *"fazerem as coisas"*. Ele as considera, inclusive, de maior sofisticação do que as Tecnologias dos brancos, que em sua visão são uma tecnologia morta. Em sua argumentação relata que, desde tempos anteriores ao contato com a sociedade não-indígena e suas tecnologias, aparelhos de Tecnologias Espirituais garantiam aos Kaiowá uma "soberania espiritual, territorial, alimentar e ambiental". Para ele, ainda hoje, é das tecnologias espirituais, orquestradas em conjunto com seres humanos e não-humanos que o nascer do mato, dos remédios, dos bichos e dos produtos das roças tem continuidade:

> Dessa maneira, antes da chegada dos não indígenas, as roças eram feitas com o controle do fogo, da mesma forma ocorria com o ataque de insetos e outras pragas. Nessas ocasiões ocorria a negociação entre os rezadores e os *jara* destes seres. Neste tempo, a natureza fornecia alimentos em abundância para os povos indígenas, havendo uma diversidade de plantas que forneciam remédios e frutas, diversidade de animais para a caça e uma variedade de aves e peixes que ajudavam na manutenção de uma boa dieta alimentar. Sob essa ótica, os rezadores Kaiowá e Guarani negociam a partir da reza e do canto, com os jara, os donos dos patamares que compõem o mundo, para que, apesar da devastação atual nas terras indígenas, continue nascendo o

> mato, os remédios, os bichos, os produtos das roças. (PERALTA, 2022, p.60).

Perguntei a ele o porquê de ter escolhido a palavra "tecnologia" para compor o conceito de Tecnologias Espirituais, uma vez que, no senso comum essa palavra, de origem grega, remete às tecnologias ocidentais modernas, marcadas pela inovação e pelos interesses capitalistas. Frente a isso, Anastácio respondeu que tecnologia para ele significa *"saber fazer"* e o modo com o qual os Kaiowá fazem, constroem, inventam, é com os espíritos, portanto, diz-se Tecnologias Espirituais.

Deveras, ao retomarmos a etimologia da palavra "tecnologia" constata-se que o termo em sua origem possui uma noção semelhante ao que o pesquisador Kaiowá elabora em sua proposição:

> A tecnologia, em sua etimologia, consiste, portanto, no conjunto de conhecimentos/saberes, argumentos e razões em torno de uma arte/ofício, ou de um fazer determinado. De outra forma, pode ser entendida como o **conjunto dos instrumentos, métodos e técnicas** que permitem o aproveitamento prático do conhecimento, voltado para as necessidades humanas. (MAGRANI, 2018, p.192). [grifo nosso].

Sobre a maior ou menor sofisticação de uma técnica sobre a outra, Pierre Clastres em seu célebre texto *"A Sociedade Contra o Estado"* classifica por técnica "o conjunto dos processos de que se munem os homens […] para garantir um domínio do meio natural adaptado e relativo às suas necessidades" (1974, p.4) . Dessa maneira, para o autor:

> Não existe portanto hierarquia no campo da técnica, nem tecnologia superior ou inferior; só se pode medir um equipamento tecnológico pela sua capacidade de satisfazer, num determinado meio, as necessidades da sociedade. E, sob esse ponto de vista, não parece de forma alguma que as sociedades primitivas se mostraram incapazes de se proporcionar os meios de realizar esse fim. (CLASTRES, 1974, p.5).

Nas palavras de Anastácio, para os Kaiowá "tudo tem dono". Dessa maneira, a tecnologia presente na casa de reza é uma tecnologia viva, como pois essa é erguida em aliança com outras formas de vida e seus respectivos donos. O sapé, as madeiras, os bambus não são vistos apenas como matéria prima a ser utilizada, mas partes vivas, cedidas pelos *Jara,* para darem forma à invenção indígena. O sapé que estava com suas raízes fincadas no chão continua vivo deitado sobre o topo da Casa de Reza. O que é valioso notar neste

processo é que o que confere uma dimensão espiritual às construções Kaiowá é seu próprio processo de feitio, uma vez que ele não viola outras formas de vida, humanas e não-humanas, mas negocia com elas.

Sobre essa última constatação, as palavras de Anastácio vão de encontro ao que aponta o antropólogo Fábio Mura:

> Há que se colocar em destaque o fato de que do ponto de vista da tradição de conhecimento indígena, não é possível imaginar a existência de lugares, caminhos, seres vivos e inanimados, como sendo neutros, autônomos, sem proprietários. **No Cosmo atual todos os elementos que o compõem possuem donos**, constituindo domínios e respondendo a uma lógica extremamente significativa no processo de hierarquização do Universo. (MURA, 2006, p.235). [grifo nosso].

Como vimos, a preocupação com os modos e os objetivos do "fazer" são o motor do *"saber-fazer"* das tecnologias, métodos e técnicas Kaiowá. O que significa dizer que a maneira como se cria algo implica necessariamente na natureza do que será produzido e os tipos de relações que vão emergir nesse processo de criação. Ainda que sejam adotados novos métodos e técnicas, a tecnologia espiritual não se revela obsoleta, em função da permanência da conexão com os espíritos guardiões que guiam os Kaiowá. A seguir, trago um compilado de fotografias de aparelhos e/ou práticas pertencentes às tecnologias espirituais, registradas em trabalho de campo.

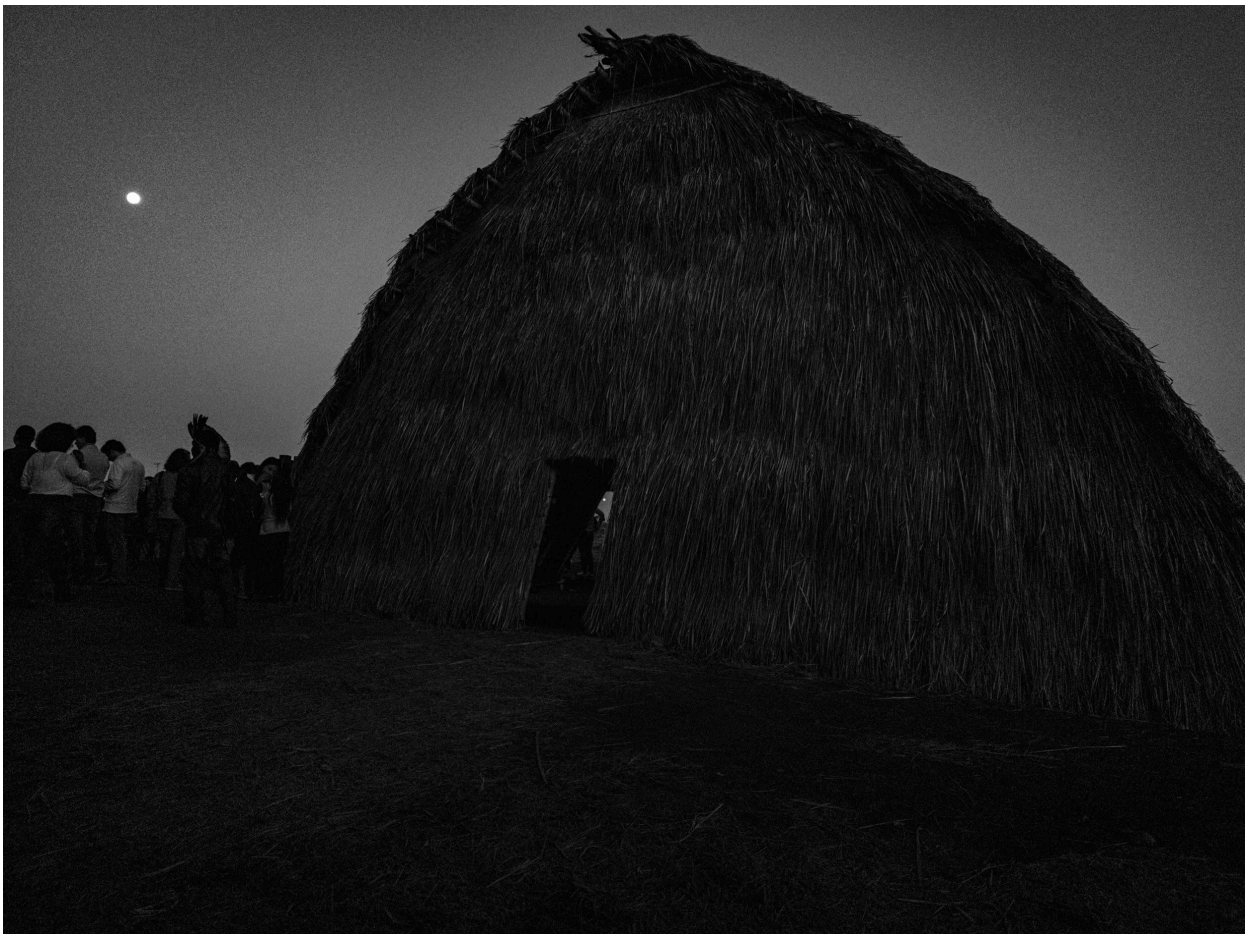

Foto 23: Arquivo pessoal, 2023. *Instrumento De Tecnologia Espiritual - Casa De Reza*, FAIND/UFGD.

Foto 24: Arquivo pessoal, 2023. *Instrumento De Tecnologia Espiritual - Sementes.* Coleta de sementes utilizadas na confecção de artesanatos, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS.

Foto 25: Arquivo pessoal, 2023. Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Roças. Roça de milho, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS.

Foto 26: Imagem cedida pela comunidade, 2023, colheita de milho criolo, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS.

Foto 27: Arquivo pessoal, 2023. Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Plantas Medicinais. Plantio de mudas de plantas medicinais, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS.

Foto 28: Arquivo pessoal, 2023. Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Plantas Medicinais. Plantio de mudas de plantas medicinais, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS.

Foto 29: Arquivo pessoal, 2023. Modos e Técnicas da Tecnologia Espiritual - Cultivo De Plantas Medicinais. Plantio de mudas de plantas medicinais, tekoha *Avae´te*, Dourados, MS.

Foto 30: Arquivo pessoal, 2023. Instrumento de Tecnologia Espiritual - Pilão Tradicional Para Moer Grãos. Senhora moendo grãos de milho para o preparo da bebida tradicional Chicha, tekoha *Avae´te*, 2023. Em trabalho de campo, a comunidade ressaltou que a confecção do pilão deve ser feita apenas por anciãs, caso a figura masculina o produza, poderá seu filho nascer com deformação física.

Foto 31: Imagem cedida por Michele Fernandes, comunicadora audiovisual Kaiowá. Modos De Subsistência Alimentar da Tecnologia Espiritual - Pesca e Caça de Animais Refeição compartilhada por família Kaiowá a base de peixe e farinha de milho.

Foto 32: Imagem cedida por Michele Fernandes, comunicadora audiovisual do povo Kaiowá. Refeição compartilhada por família Kaiowá a base de peixe e farinha de milho.

Foto 33: Imagem cedida por Luan Iturve, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva. Canto (*Mborahei*) e Instrumentos de Uso Ritualístico da Tecnología Espiritual - *Xiru*, *Takuapu*, *Mbaraká.* Mulheres, rezadoras tradicionais e jovens Kaiowá cantando e tocando a Takuapu, aparelho de tecnologia espiritual.

Foto 34: Arquivo pessoal, 2022. Canto (*Mborahei*) e Instrumentos de Uso Ritualístico da Tecnología Espiritual - *Xiru*, *Takuapu*, *Mbaraká.* Objetos *de* tecnologia espiritual *Kaiowá, como o Mbaraká,* pendurados no interior da Casa de Reza. Cerimônia do Jerosy Puku, tekoha *Guyra Kamby'i*, no município de Douradina, MS.

1.2 Pedagogia da Ogapysy/Ogusu (Casas de reza), *construindo futuros*

No trabalho de campo por mim realizado participei de atividades, eventos e cerimônias que evidenciaram as questões até aqui apresentadas. Dentre estas, destaco duas experiências que revelam o potencial das Casas de Reza em ser um espaço de encontro entre seres, tempos e lugares. Na primeira delas, a Casa de Reza assume o papel de uma oficina de desenho onde transbordam conflitos e anseios de jovens Kaiowá e Guarani. Na segunda experiência, a Casa de Reza é erguida em outro território, o da Universidade, com o propósito de avizinhar espaços de saberes e estender os campos de luta em defesa dos territórios e da cultura.

Durante a realização da X Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani, no ano de 2022, no tekoha Ñanderu Marangatu Cedro, no município de Antônio João - MS, a *Ogusu Nhemongueta* (Casa de Reza) foi sede de uma oficina de desenho para crianças e jovens participantes da assembleia, essa iniciativa de resguardar os

mais jovens do efervescência dos ânimos nas discussões travadas acerca do vertiginosos aumento de casos de violência nos territórios Kaiowá e Guarani, marcado por incêndios criminoso de Casas de Reza, com o registro de 6 ocorrências durante o ano de 2021[10], segundo dados divulgados pela própria organização em parceria com a Defensoria Pública da União (DPU) e a Defensoria Pública do estado de Mato Grosso do Sul (DPE-MS). Além de denúncias de perseguição, ameaças e agressões a líderes espirituais do povo Kaiowá e Guarani, *nhanderu* e *nhandesy*.

Associada a tais questões, estava a iminente aprovação de um pacote de políticas anti-indígenas que figuravam no cenário da política institucional brasileira. Nesse sentido, a tese do Marco Temporal e suas consequências aos territórios indígenas foi debatida pelas mulheres Kaiowá e Guarani durante o evento. Em relatório final divulgado pela Kuñangue Aty Guasu podemos notar o tom de denúncia e preocupação com a integridade de todas as formas de vida existentes nos territórios Kaiowá e Guarani, bem como da situação das Casas de Reza, que tem sua importância reconhecida na fala da Kunhangue Aty Guasu que declara "As *nhandesy* e *nhanderu* afirmam que as casas, na visão ancestral, representam o nosso corpo, e desde tempos antigos são grandes espaços de habitação coletiva, abrigando uma complexa rede de práticas e conhecimentos" (KUNHANGUE ATY GUASU, 2022, p.10).

[10] O Relatório *"Intolerância religiosa, racismo religioso e casa de rezas queimadas em comunidades Kaiowá e Guarani",* disponível para consulta no site da Kunhangue Aty Guasu traz uma lista (p.20-21) das *Ogapysy/Ogusu* (Casas de reza) queimadas em territórios Kaiowá e Guarani desde o ano de 2014 a 2022, recomendamos fortemente a consulta para visualização do panorama geral dos casos de intolerância religiosa no estado do Mato Grosso do Sul.

Foto 35: Queima da casa de reza na Aldeia Guapo'y, Reserva Indígena de Amambai, 02 de outubro de 2021. Fonte: Kuñangue Aty Guasu.

Assim, num grito de socorro,

> As mulheres Guarani e Kaiowá denunciaram, diante da plenária e do poder público presente na assembleia, que os latifundiários têm violado de todas as formas o povo Guarani e Kaiowá, via avanço do desmatamento, da não demarcação de terras indígenas, queimadas e altas doses de veneno, enfraquecimento da medicina tradicional, falta de investimentos em saúde e educação, aparelhamento de instituições indigenistas, promoção do ódio, perseguição política, criminalização e massacres, dentre outras formas de genocídio/etnocídio. As árvores choram, os rios sangram, a terra arde em chamas e com elas morre lentamente a população indígena desse país. (RELATÓRIO FINAL KUNHANGUE ATY GUASU, 2022, p.5)

Numa elaboração política, por meio de desenhos, crianças e jovens Kaiowá e Guarani participam de forma lúdica da reflexão sobre os temas abordados na assembleia. No espaço da Casa de Reza, os desenhos produzidos por eles registram a violência que acomete seus territórios, verifica-se que apesar de possuírem consciência sobre as atrocidades que assolam o seu mundo, seus desenhos contêm elementos que enaltecem instrumentos de mantenimento do mundo Kaiowá e Guarani, também instrumentos da tecnologia espiritual. Confirmando que a Tecnologia Espiritual é um manancial de forças propulsoras de estratégias de luta política e enfrentamento ao projeto colonial de exploração, expropriação e aniquilação dos territórios indígenas e dos seres que os constituem.

Foto 36: Arquivo pessoal, 2022. Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani.

Foto 37 Arquivo pessoal, 2022. Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani.

Foto 38: Arquivo pessoal, 2022. Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani.

Foto 39: Arquivo pessoal, 2022. Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani.

Foto 40: Arquivo pessoal, 2022. Oficina de desenho realizada com crianças e jovens durante a X Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani.

No rastro das transformações advindas da luta política travada pelo movimento indígena Kaiowá e Guarani nas últimas décadas, a construção de um instrumento da Tecnologia Espiritual, Casa de Reza, no espaço da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) coloca em correspondência conhecimentos científicos ocidentais com conhecimentos ancestrais na formação de professores indígenas para que Universidade se consolide ainda mais como um palco de representatividade e disputa política dos povos indígenas. Tal representação é atestada pela presença de 570 estudantes indígenas, distribuídos em cursos de graduação e pós-graduação (UFGD, 2023), oferecidos pela Faculdade Intercultural Indígena da UFGD (FAIND/UFGD) e ocupação de postos de direção como diretor exercido por Eliel Benites, atualmente chefe do Departamento de Línguas e Memórias do Ministério dos Povos Indígenas (MPI).

Sobre a construção da *Ogapysy* na FAIND Urbano Escalante, estudante da Licenciatura Intercultural Indígena e presidente do Centro Acadêmico *Teko Arandu* (CATA), em entrevista para a assessoria de Comunicação da UFGD registra que "Foi uma luta dos acadêmicos. Nos organizamos e pedimos ajuda para os materiais que seriam necessários para a construção, que é muito importante para nós, pois é uma coisa sagrada e um local em que podemos aprender mais sobre os rituais ancestrais da cultura Guarani e Kaiowá" (UFGD, 2023).

Foto 41: Arquivo pessoal, 2023. metade universidade, metade tecnologia espiritual, casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

foto 42: Evento de entrega do Espaço de Práticas Pedagógicas Interculturais *Oga Pysy*, na UFGD. Fonte: Assessoria de Comunicação da UFGD.

A cerimônia de Inauguração do Espaço de Práticas Pedagógicas Interculturais - *Ogapysy* da FAIND/UFGD reuniu uma diversidade de agentes sociais, dentre estes, membros da comunidade interna da Universidade, discentes, docentes, técnicos-administrativos e convidados da comunidade externa, como indígenas de diferentes comunidades. A cerimônia de inauguração esteve dividida em dois momentos diferentes: um de caráter mais institucional, realizado na presença de autoridades de diferentes esferas administrativas do poder público, na tarde do dia 02 de junho, e outro iniciado ao escurecer do dia e finalizado ao clarear da manhã. A noite de festejo teve como ponto alto a dança tradicional *kotyhu*, que como explica Izaque João (2011, p.103) *"*é dançado em forma de círculo, com as pessoas de mãos dadas." que pode ser repetido várias vezes*"*. Sobre a potência dos momentos de *kotyhu*, Izaque acrescenta:

> Ele é articulado para divertir e alegrar o grupo, e para continuar a viver em coletividade, na transmissão de alegria ou teko vy'a. Etimologicamente, koty é uma palavra que se refere à parte interna da casa; hu é o sufixo que indica a ação de expor para fora as coisas que estão por dentro de algo. Assim, kotyhu exterioriza o sentimento, expressando de forma poética para a exterioridade. (JOÃO, 2011, p.102).

Foto 43: Arquivo pessoal, 2023. *Kotyhu* na Casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Foto 44: Arquivo pessoal, 2023. *Kotyhu* na Casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Na manhã seguinte da celebração, aqueles que permaneceram no local puderam receber rezas do *nhanderu* Lídio e *nhandesy* Ivone. Dentre estas pessoas agraciadas está uma menina de 11 anos de idade, cujo batismo realizou-se nessa ocasião por ocorrência da *Ogapysy* de sua comunidade ter sido criminosamente queimada por seguranças privados, no ano de 2021[11]. Tal ação revisita tempos em que as *Ogapysy/Ogusu* (Casas de reza) estavam inscritas em dinâmicas hierárquicas de relação entre xamãs e *tekohas,* como observado pelo pesquisador Kaiowá Lídio Cavanha Ramires, ao apontar que os rituais e cerimônias tradicionais Kaiowá possuíam cada um locais específicos para serem realizados, essa geografia das *Ogapysy/Ogusu* permita um fluxo de conhecimentos por entre nhanderu de

[11]O incêndio que destruiu a *Ogapysy* e outras residências da comunidade *Avae´te*, morada da menina batizada foi coberta em matéria do Conselho Indigenista Missionário - CIMI: <https://cimi.org.br/2021/09/ataques-segurancas-privados-queimam-casas-guarani-kaiowa-dourados-ms/>.

diferentes territórios que migraram de suas comunidades para uma comunidade vizinha em busca de participar do ritual que ali seria realizado.

> Os rituais no passado sempre aconteciam nos locais específicos, em um determinado tekoha de forma concentrada. As famílias dos tekoha vizinhos vinham se reunindo na casa de reza onde sempre é realizado o ritual, tendo em vista, o respeito hierárquico cultural, pois durante o ritual os espaços são utilizados para intercâmbio de saberes, porque nesses reúnem-se de outros tekoha e Ñanderu, onde flui a reciprocidade imaterial. Nesse momento de intercâmbio, se ensina aos seus auxiliares – *yvyra'ija* a reza, o jeito de viver conforme a cultura, procura construir o prestígio do *jekoha/rã* para ser o bom exemplo, para não trazer problemas futuros. (RAMIRES, 2016, p.51).

Foto 45: Arquivo pessoal, 2023. *ñanderu* Lídio e *ñandesy* Ivone batizando uma menina Kaiowá na casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Foto 46: Arquivo pessoal, 2023. *ñanderu* Lídio e *ñandesy* Ivone batizando uma menina Kaiowá na casa de reza da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

Foto 47: Casa queimada por seguranças privados no dia 06 de setembro de 2021, no Tekoha *Avae´te*, Dourados, MS. Fonte: Imagem divulgada pelo CIMI, 2021.

Imagem 48: Casa queimada por seguranças privados no dia 06 de setembro de 2021, no Tekoha *Avae´te*, Dourados, MS. Fonte: Imagem divulgada pelo CIMI, 2021.

De maneira, frente ao contexto atual de destruição de Casas de Reza e perseguição a líderes religiosos tradicionais, *nhanderu e nhandesy,* uma *Ogapysy* em pé, como a da FAIND, torna-se ponto de referência e permanência de práticas e cerimônias ritualísticas dos Kaiowá e Guarani, possibilitando a partir disso o renascer de *tapes* (caminhos) por entre diferentes territórios, comunidades e xamãs, questão que deve ser aprofundada em uma pesquisa vindoura.

Após tantos papéis que a Casa de Reza assume, aqui registrados, voltemos a imagem que inicia essa seção (Foto13), nela Anastácio Peralta recebe uma reza na *Ogapysy* recém-inaugurada da FAIND, em que o *nhanderu* Lídio é acompanhado pelo *yvyraija* (aprendiz) Kenio, situado à sua esquerda. Sob esse enfoque, a imagem nos revela um jovem indígena em iniciação xamânica e aprendizagem dos cantos tradicionais (*mborahei*), também entendidos como Tecnologia Espiritual. A pedagogia de ensino dessa Tecnologia Espiritual é transmitida oralmente e requer a supervisão de um xamã experiente, esse ofício demanda muita dedicação e compromisso, como revela Izaque João (2011, p.24 - 25):

> Os aprendizes xamânicos, na sociedade Kaiowá, requerem muita dedicação, habilidade e concentração. Várias vezes, os xamãs de Panambi afirmaram que o canto não é apenas memorizado. No entanto, ao longo do aprendizado, em cada estágio, enquanto o aprendiz gradativamente elimina as impurezas do corpo, vai permitindo que o canto ocupe seu corpo de maneira total e definitiva.
>
> [...]
>
> Para ingressar no aprendizado xamanístico ou para possuir os saberes da cosmologia, é importante que o aprendiz inicie a sua carreira na companhia de um yvyra'ija ligado a um xamã experiente, para ser reconhecido pelo grupo e, desse modo, ampliar seu espaço. Como o objetivo é alcançar a função elevada do xamã, para esse fim é preciso que o aprendiz participe inúmeras vezes do ritual em público, em companhia do rezador experiente.

Kenio foi membro da ASCURI - Associação dos Realizadores Indígenas e participou de algumas oficinas de produção audiovisual, ministradas pelo realizador e também membro fundador da ASCURI, Gilmar Galache. No entanto, como comenta outro interlocutor nosso, o jovem Kenio, ainda que fosse cotado em primeiro momento para integrar a equipe de comunicação da Aty Guasu - Grande Assembléia dos povos Kaiowá e Guarani e da Retomada Aty Jovem - RAJ, foi recomendado a ele que tivesse dedicação exclusiva a sua preparação xamânica.

> No ano passado eles tiveram uma reunião em que eles disseram que iam fazer uma comunicação indígena da Aty Guasu e da RAJ. Ai nisso eles iriam colocar o Anderson, a Sally, o Theus e o Kenio. Inclusive, o Kenio fez dois ou três curta-metragem na aldeia dele, mas no final ele não pode porque ele era *yvyraija*. (Relato Nailson, jovem comunicador indígena da Aty Guasu e RAJ, 04 de julho de 2023).

Sobre o xamanismo, audiovisual e a face espiritual orientadora do *saber-fazer* Kaiowá e Guarani, refletirmos mais profundamente na seção seguinte.

SEÇÃO II

2. O ENCONTRO ENTRE TECNOLOGIAS - POR ENTRE MÚLTIPLOS *MBA´EKUAA*

Foto 49: Arquivo pessoal, 2023. *"Por entre múltiplos Mba´eKuaa"*.

O modo que nosso povo Kaiowá e Guarani se conecta é através da reza, dos instrumentos sagrados que compõem a Casa de Reza

Luan Iturve, 2023.

Sem a luz não existe imagem, isso define muito a presença das divindades nas câmeras, na produção das imagens, a presença do próprio Mba´ekuaa (sabedoria ancestral) e o Pa´i Kuara (deus sol).

Eliel Benites, 2023.

Os trechos citados são frutos de entrevistas realizadas com dois produtores de imagens Kaiowá e Guarani, Luan Iturve e Eliel Benites, no ano de 2023. Luan, fotógrafo e *videomaker* do povo Guarani atua em parceria com a Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das Mulheres Guarani e Kaiowá na documentação audiovisual da atuação política do movimento em territórios Kaiowá e Guarani. Eliel é cineasta do povo Kaiowá e membro fundador da Associação dos Realizadores Indígenas do Mato Grosso do Sul (ASCURI), atua na produção de filmes e na realização de oficinas de formação audiovisual nas aldeias. Essas atuações ocupam diferentes esferas da produção imagética (audiovisual e cinema), porém, apresentam um ponto de contato, ambos ressaltam em suas falas a comunhão com as divindades como força motriz para a rede de comunicabilidade indígena na qual estão empenhados os instrumentos de tecnologia espiritual, como as *Ogapysy/Ogusu*, os cantos-rezas, o *takuapu*, o *mbaraká* e os *xiru* e nas últimas décadas, as câmeras fotográficas, os celulares e a internet.

A respeito dos três últimos instrumentos, oriundos da tecnologia não-indígena, esses são *"guaranizados"* (KLEIN, 2013; GORGES, 2022) quando atuam em conjunto com os modos de conexão espiritual indígena, num movimento característico da "capacidade Kaiowá de absorver de uma forma estratégica outros elementos para compor o seu mundo", como revelam as palavras de Eliel Benites.

O conceito nativo *Mba´ekuaa* comentado por Eliel no trecho que abre a seção, foi também escutado em entrevista com Luan Iturve entre os anos de 2022 e 2023, em período de trabalho de campo. Luan conta que escutou o termo *Mba´ekuaa* na aldeia de Nhanderu Marangatu, no município de Antônio João, Mato Grosso do Sul, enquanto participava de um

projeto em que se dedicava, entre outras ações, ao registro do processo tradicional de construção de uma Casa de Reza[12].

Foto 50: Frame de vídeo produzido pelo comunicador indígena Scott Hill. Na imagem indígenas realizam, liderados pelo *nhanderu* Tadeu, o *jeovasa*, limpeza tradicional Kaiowá e Guaraní para afastar espíritos ruins.

Luan escutava repetidamente o termo *Mbae´kuaa* em conversas com os *nhanderu* da aldeia, que ao observarem os equipamentos fotográficos e de filmagem que o jovem e os demais integrantes da equipe manuseavam, empregaram o termo para dizer a eles que as câmeras fotográficas, os gravadores de áudio, microfones, óculos de realidade virtual comporiam um *Mba´ekuaa* não-indígena. Ao passo que o *Mba´ekuaa indígena* estaria composto por um arcabouço de aparelhos de tecnologias espirituais capazes de promover a conexão dos Kaiowá com espíritos e outras categorias de não-humanos, animais, plantas, objetos.

Nas palavras de Luan Iturve:

> O *Mbaekua´a* Kaiowá e Guarani seriam os instrumentos sagrados, uma forma de se conectar com os Jara, porque cada ser, cada planta, cada ser nesse mundo tem um *Jara*, né. Então, os instrumentos sagrados como

[12] Mais informações sobre o projeto podem ser encontradas no sitio a seguir, disponível em: <https://www.emkp.org/oga-pysy-guarani-and-kaiowa-ceremonial-houses-in-mato-grosso-do-sul-brazil/>. Acesso: 02 de março de 2024.

> *takuapu, o mbaraká, o xiru*, o canto, a reza, é o *Mbaekua´a* ancestral que a gente chama, é uma forma dos povos Kaiowá e Guarani se conectarem com os Jara. Enquanto que o *Mbaekua´a* dos brancos, dos não-indígenas são as tecnologias para além das câmeras, como hoje em dia a gente tem o celular, a conexão com a internet, o computador, né, essas tecnologias avançadas. Então, pra eles [os *Nhanderu*] essas coisas materiais são o *Mbaekua´a* dos não-indígenas. O *Mbaekua´a* indígena é a sabedoria ancestral, o saber-fazer Kaiowá e Guarani. Enquanto o dos não-indígenas são as tecnologias, as ***tecnologias alto avançadas*** **que conectam pessoas um com o outro**, né. Enquanto que os anciãos do nosso povo Kaiowá e Guarani se conectam através da reza, do canto, dos ***instrumentos sagrados*** que compõem a Casa de Reza. Ou seja, na cultura ancestral Kaiowá e Guarani os elementos da natureza, todos os seres desse planeta possuem *Jara*, assim como todo o universo também. Então, para cultura Kaiowá e Guarani tudo tem um Jara e o *Mbaekua´a* deles é esse. (Relato Luan, julho de 2023) [Grifo meu]

No entendimento dos interlocutores da pesquisa, o conceito nativo de *Mba´ekuaa* evoca modos de fazer compreendidos como uma espécie de *sabedoria ancestral*, ou aqueles que *sabem fazer.* Tal entendimento encontra correspondência em dicionários da língua Guarani em que *Mba´e* aparece como "coisa possuída", "algo" ou "o que", em um dicionário de língua guarani do povo Kaiowá (CHAMORRO, 2023). Enquanto "kwaa", sob grafia diferente da empregada pelos meus interlocutores, indica "saber," "conhecer". Nesse sentido, a fusão dos termos dá origem à forma *Mba´ekwaa* que diz respeito à sabedoria, aquele ou aquela que sabe.

Noutro registro de língua Guarani, em especial a empregada pelos Guarani Nhandeva (DOOLEY, 1998), *Mba´e* pode desempenhar o papel de pronome interrogativo "o quê", "para quê" e/ou pronome derivacional-composicional (coisa). Estas duas funções são empregadas quando há interação com uma entidade não-humana não-específica, que pode ser um objeto ou animal não-doméstico. Já *kuaa* é registrado como "saber", "aprender", "conhecer". Neste segundo entendimento, *Mba´ekuaa* diz respeito a um evento ou atividade de agourar e/ou prognosticar algo. Dessa maneira, a associação de todos esses sentidos permite vislumbrar *Mba´ekuaa* como um conjunto de práticas assentadas na sabedoria ancestral, capaz de fazer germinar bons agouros.

Ademais, segundo Eliel Benites, *Mba´eKuaa,* é uma divindade que integra um dos mais importantes mitos Kaiowá e Guarani, o mito dos gêmeos *Pa'i Kuara* (sol) e *Jasy* (lua). Advinda da tradição de repassar conhecimentos oralmente, a narração de Eliel aponta que nos

tempos primordiais *Mba´eKuaa (a sabedoria ancestral)* vivia junto ao casal Nosso Grande Pai e Nossa Grande Mãe. Essa, grávida de gêmeos, teve a paternidade de seus filhos questionada pela possibilidade de *Mba´ekuaa* ser o pai deles, o Sol e a Lua. Essa situação teria gerado desentendimento entre o Nosso Grande Pai e Nossa Grande Mãe. Em consequência, o marido deixa a morada em que viviam os três derramando lágrimas que ao caírem no solo iam originando as roças. Dessa maneira, o cultivo de roças tradicionais é uma forma de curar as dores daquele que sofre, tal qual fez Nosso Grande Pai.

Numa interpretação deste mito, é possível entender que as atividades de reprodução da vida social kaiowá não estão dissociadas das narrativas mitológicas que reverberam o mundo espiritual desses povos.

Dada a relevância cosmológica e social do cultivo das *kokue* (roças tradicionais), tal atividade foi tema registrado em uma oficina de audiovisual, ministrada pela ASCURI, a jovens da aldeia de Cachoeirinha, no município de Miranda, Mato Grosso do Sul. O curta-metragem *Hoyeno Koituketi* (Homem Trabalhador)[13] de 2010 retrata a jornada cotidiana de um indígena que cultiva a terra e produz o sustento de sua família.

Na produção audiovisual em questão, jovens indígenas são engajados na valorização de uma tecnologia espiritual, as *kokue*, indispensável a atualização do *tekoyma* nas aldeias. Pois, como relembra Eliel Benites (2021, p.256) "O sistema de *kokue* restabelece a força da terra, para recolocar os guardiões através da retomada dos valores tradicionais, na possibilidade de diálogo com o seu entorno, atualizando o *tekoyma.*" Assim, as roças, como aspecto importante da socialidade indígena e tecnologia espiritual encontram as câmeras, instrumento de tecnologia que produz imagens que captam a relação íntima dos Kaiowá e Guarani com a terra e as categorias divinatórias de seus territórios. Assim, tende-se a perpetuação de práticas de *saber-fazer* ancestral pelo encontro entre dois *Mba´ekuaa*.

As imagens produzidas pelos kaiowá e guarani por estarem engajadas em uma rede, na qual as câmeras, os computadores e a internet também participam, configuram uma espécie de cosmos, que é mobilizado por relações entre humanos e não-humanos, indígenas e não-indígenas. Destaca-se que a tecnologia de produção das imagens que os comunicadores

[13] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V-c_5Vr_BTs> . Acesso em: 02 de março de 2024.

audiovisuais indígenas manejam é, antes de mais nada, uma operação política entre mundos, entre *modos de fazer* imagens, interligados por variados *Mba´ekuaa.*

Tomando como base o exposto na seção I, a vida social kaiowá e guarani tem como prerrogativa a negociação entre diferentes cosmos. Entretanto, para que isso aconteça é preciso que esses cosmos existam. Em outras palavras, para que se possa dialogar com o espírito-dono do mato (*ka´a jará*) para obtenção de remédios tradicionais, ou com os espíritos-donos dos animais para caçar, é condição essencial que as matas estejam de pé, que os animais tenham seu *habitat*; para o plantio e colheita de alimentos em negociação cosmopolítica com o espírito-dono do milho branco, *jakairá*, é necessário que a terra não esteja envenenada por agrotóxicos ou amolgada pelas monoculturas de transgênicos, já que os territórios ancestrais são planos de existência sem os quais as tecnologias espirituais se despotencializam. E é na defesa desses territórios que a tecnologia espiritual de produção de imagens kaiowá e guarani se engaja. Em última instância, a cosmopolítica das imagens Kaiowá tem como face indissociável a defesa de terra, gentes e cosmos.

Corroborando para reafirmar a ideia aqui expressa, apresenta-se a seguir frames do curta-metragem supracitado, em que está contido o registro da integração entre indígenas, territórios e *saber-fazer* ancestral.

Foto 51: Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 1´27´´).

Foto 52: Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 1´44´´).

Foto 53: Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 2´09´´).

Foto 54: Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 5´32´´).

Foto 55: Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 5´41´´).

Foto 56: Fotograma de *Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador (ASCURI, 2010, 5´48´´).

O termo Tecnologia Espirituais desenvolvido por Anastácio Peralta (2022) é virtuoso em classificar os modos ancestrais de fazer dos povos Kaiowá e Guarani como tecnologia. Indiretamente, com essa ação, ele coloca em pé de igualdade aparelhos e técnicas indígenas e não-indígenas, desestabilizando a preponderância das tecnologias brancas sobre outros fazeres não-ocidentais.

Em conversa com comunicadores indígenas acerca do termo *Mbaekua´a,* eles indicaram-me que os xamãs ao classificarem os instrumentos de conexão indígena e não-indígenas como provenientes de *Mba´ekuaa* distintos, eles estariam lançando luz à capacidade de conectar e comunicar, presente nas tecnologias dos *karaí* (brancos), que ostentam, também, as agências das tecnologias espirituais Kaiowá. Com isso pretendiam trazer à superfície as potencialidades conectivas das tecnologias ancestrais, engajadas nas práticas de xamanismo.

A partir desse posicionamento, ensaio que a natureza espiritual do *saber-fazer* kaiowá e guarani reflete-se nas tecnologias de produção de imagens destes povos, ainda que sejam incorporados aparelhos de comunicação não-indígena em seus modos de fazer, não é da supervalorização das tecnologias brancas que emerge a potência de circulação e comunicação

das imagens indígenas, mas sim da conexão destas com aspectos morais, políticos e espirituais dos modos de vida tradicionais destes povos, confirmando o vínculo das Tecnologias das Imagens kaiowá e guarani com a organização e funcionamento do mundo espiritual indígena.

Na busca de evidenciar a competência das Tecnologias Espirituais em conectar os Kaiowá e Guarani a uma rede de comunicabilidade de elementos não-humanos, trago duas situações observadas em trabalho de campo em diferentes períodos do ano de 2023. O primeiro deles aconteceu no território étnico ancestral de *Guyra Kambiy*, Douradina, Mato Grosso do Sul, quando visitava a casa de um amigo Kaiowá, o Germano Lima Alziro. Na ocasião, meu amigo Germano comentou estar atento à previsão de chuva noticiada por programas de rádio, entretanto não estava convencido de que as chuvas viriam na semana indicada pelo rádio, pois ainda não havia escutado o canto do pássaro *Adryra* (de nome científico *Tapera Naevia*). Para os Kaiowá o canto deste pássaro anuncia a chegada do vento e das tempestades. Outro ave guia de mudanças meteorológicas para os kaiowá, mencionado durante o diálogo, é o *Urutau* que ao findar seu canto em uma época específica do ano demarca a chegada do inverno. Além disso, a banha desse segundo pássaro possui propriedades medicinais, já que aplicada uma pequena quantidade sobre os olhos a gordura do animal funciona como colírio, atenuando problemas de visão. O próprio Germano afirma ter beneficiado-se desta medicina.

O segundo relato trata-se de um diálogo com uma estudante Kaiowá do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGG-UFGD), nele conversávamos sobre o ciclo de maturação da Guavira, planta nativa do cerrado de frutificação uma vez ao ano. Entretanto, a estudante notou que houve um segundo ciclo reprodutivo no período observado, fato incomum que, segundo ela, teria origem nas mudanças climáticas enfrentadas pelo planeta.

Diante de tais relatos, a trama de comunicação Kaiowá e Guarani atua mediante relações de alteridade, estabelecendo troca de informações entre diferentes pontos de vistas e seres do mundo ameríndio. A capacidade de comunicar-se com os outros, sejam eles humanos e não-humanos, não é uma habilidade inaugurada na vida social Kaiowá e Guarani pelos aparelhos de comunicação *karaí* (não-indígenas). Ao contrário disso, estas tecnologias ao cruzarem os mundos indígenas passam a compor e dialogar com os modelos cosmológicos de

comunicação, manejados pelo xamanismo via instrumentos de tecnologias espirituais (*mbaraká, takuapu*, *xiru*, *Casa de Reza*, etc). Como atestado em outras pesquisas,

> [...] os regimes de conhecimento Kaiowá reivindicam que a capacidade do pensamento ameríndio de manejar a "linguagem audiovisual" não foi inaugurada por técnicas e procedimentos apropriados dos brancos, já que a comunicabilidade relacional através de imagens, há muito, é dominada por xamãs, espíritos e demais não-humanos que comunicam-se entre si desde períodos predecessores ao contato entre brancos e índios, por meio das possibilidades de envelopamento imagético. (FARIAS; GRUNEWALD, 2020, p. 18).

Isto não significa dizer que os xamãs desvalorizem o uso de aparelhos de tecnologia não-indígena, pelo contrário, eles reconhecem as possibilidades de articulação política dessas tecnologias que podem ir desde o convite à outros xamãs para um "evento tradicional", como o *guaxiré*[14]*,* até a gravação de um ritual xamânico que figura como um gesto político demarcatório da existência dessa prática na contemporaneidade.

> Para eles [os nhanderus], hoje em dia, o *mbaekua´a* dos não-indígenas também não deixa de ser importante porque, de alguma forma, as grandes tecnologias avançadas, principalmente a comunicação, conecta as pessoas. Pode se conectar, falar com várias pessoas ao mesmo tempo e de vários lugares, né, ou do mundo inteiro ao mesmo tempo. Isso de alguma forma fortalece para além da comunicação, desse contato, também fortalece a cultura porque eles [os nhanderus] podem mostrar através disso o seu canto, a reza. Faz com que as pessoas escutem, procurem. Até mesmo se conectar entre eles, enquanto rezadores, marcar um guaxiré, um evento tradicional que eles conhecem, sabe. Porque isso transita também entre eles hoje em dia. (Relato Luan Iturve, agosto de 2023) [Grifo nosso] .

No tocante a gravação dos rituais xamânicos, as câmeras digitais foram aceitas pelos *nhanderu* e *nhandesy* de maneira condicional. Clara, filha de um importante rezador Kaiowá da aldeia de Laranjeira Nhanderu, conta que não se sente confortável com a presença atual de muitas câmeras em cerimônias ritualísticas importantes de seu povo, como o *Jerosy Puku.* Seu incômodo reside no fato de que, para ela, as câmeras enfraquecem os efeitos dos cantos-rezas entoadas nestas ocasiões. Tal percepção é confirmada por Luan que explica que embora gravações de procedimentos espirituais Kaiowá possam acontecer, o aval para isso compete exclusivamente aos xamãs, pois existem qualidades de rezas onde os espíritos acionados são

[14] Dança festiva tradicional do povo Kaiowá e Guarani.

de tamanha magnitude que os aparelhos de tecnologia não-indígena se rompem ou entram em pane.

> Às vezes os anciãos dizem que você não vai poder gravar um ritual porque algo sempre vai acontecer, sempre acontece alguma coisa e você não consegue gravar aquela reza, pois são espíritos muito fortes que estão ali. Os anciãos que falam se você vai poder gravar ou não. (Relato Luan Iturve, março de 2022).

Sobre a possível desestabilização das potências dos rituais xamânicos pela presença pelos aparelhos de gravação e produção de imagem *karaí,* o pesquisador Iulik Lomba de Farias (2019) aponta que isso se deve ao fato das câmeras, quando acionadas em momento de interlocução dos *nhanderu* com os espíritos, funcionarem como "*esponjas"* que absorvem as energias antes concentradas entre os xamãs e os instrumentos sagrados. Assim, as energias são desviadas e passam a ser divididas com um terceiro ponto.

> Ao ligar uma câmera, portanto, o eixo comum de direcionamento dos fluxos potenciais estaria dividido entre o xamã, seus objetos rituais, e este corpo estranho: a câmera. A câmera, assim que acionada, se tornaria um centro de absorção das forças agentes na Opy, e reconfiguraria as agências do xamã e do petyngua em suas posições relacionais de comunicação com os espíritos, dificultando, por consequência, o bom andamento de suas respectivas funções rituais. (LOMBA, 2019, p.69).

O autor classifica as câmeras como uma "espécie de caixa aprisionadora, que desestabiliza as agências dos espíritos" (LOMBA, 2019) e, em decorrência dessa ação, sua presença precisa ser regulada em determinadas ocasiões, em concordância com as já registradas falas dos interlocutores dessa pesquisa. Ensejando compreender, portanto, quais rituais e procedimentos xamânicos podem ou não serem filmados o autor indica que o registro é benéfico quando cerimônias ritualísticas adquirirem caráter de performances políticas[15].

Para tanto, apoiado nas contribuições de Manuela Carneiro da Cunha (2014) sobre as funções políticas exercidas pelo endereçamento e caracterização dos indígenas em eventos solenes e de relevância simbólica para a construção da imagem do que é ser índio, o autor

[15] É preciso ressaltar que as fronteiras entre o xamanismo e os modos de fazer política Kaiowá e Guarani não são duras, tendo em vista que, como defendido neste trabalho, as estratégias políticas desses povos se dão no campo da cosmopolítica.

define como performances políticas as encenações de práticas culturais que buscam “fisgar o olhar dos brancos” para que estes venham a compor a rede de relações políticas Kaiowá e Guarani (LOMBA, 2019). Nesse sentido “os indígenas acabam por aderir às concepções dominantes da imagem do que vem a ser um índio, pois necessitam potencializar suas reivindicações e interesses políticos de acordo com uma aderência conceitual extremamente restrita imposta pela ‘imaginação metropolitana’” (LOMBA, 2019, p.73).

Em contrapartida, quando os aparelhos de tecnologia não-indígena não geram as conexões desejadas ou não são capazes de potencializar o saber-fazer ancestral, atuando no caminho de despotencialização desses, os aparelhos não-indígenas têm sua circulação pelo mundo Kaiowá limitada e certos procedimentos de xamanismo como os “de cura, de imunização do corpo de crianças e de batizados (*nhemongaray*)” (LOMBA, 2019, p.70) são de rara documentação.

Retomando a discussão sobre a incorporação de aparelhos de tecnologia não-indígena pelos kaiowá e guarani, as elaborações da antropóloga Marilyn Strathern (1988; 2006) sobre a vida social dos objetos contribuíram para a maturação de ideias aqui defendidas. A autora, a partir de trabalho de campo realizado em Mount Hagen, nas Terras Altas de Papua Nova Guiné, estabelece uma abordagem de compreensão da vida social dos objetos baseada na participação destes em redes internas da comunidade, dando enfoque ao poder de interação de qualidades estéticas de corpos e objetos com as dinâmicas culturais dos nativos. Em entrevista concedida a Revista PROA, em 2009, a pesquisadora lembra que em sua leitura de interpretação, “corpos e coisas não possuem identidades fixas, tampouco essência, de modo que o conceito de relação forma a base de seu esquema de pensamento” (SIMONI et. al, 2010, p.2,).

Pontos centrais da etnografia de Strathern, presente em sua obra magna, *“O Gênero da Dádiva”* (1988; 2006), chamam a atenção para o poder de agência de corpos e objetos no sistema de troca de dádivas melanésio. Objetos, de qualidades estéticas reconhecidas pela comunidade, captam a atenção e admiração de olhares alheios e passam a atuar como canalizadores da presença das divindades, pressagiando saúde e prosperidade às pessoas que presenteiam outros clãs com eles. No sistema de troca de dádivas melanésio, estão inscritos também os ciclos de vida e dinâmicas de competitividade política das comunidades, como demonstra a autora:

> As pessoas de Mount Hagen baseiam suas vidas na troca de riqueza. Assim, quando uma criança nasce, ou quando alguém é morto, elas realizam reparações, troca de riqueza, entre dois grupos clânicos. Essa riqueza tem uma forma estética. Ela toma a forma de enormes pérolas montadas, conchas de pérolas montadas, em grandes pranchas, juntamente com porcos e, hoje em dia, dinheiro. (SIMONI et. al , 2010, p.3)

Com base no que foi exposto, percebemos que as qualidades estéticas dos corpos e dos objetos como as pérolas, as conchas e os porcos são intervenientes nas relações interpessoais da comunidade. Tendo em vista que, como revela Strathern, os "momentos de revelação" tem como objetivo atrair o público a quem você mostra o objeto e, particularmente, as pessoas presenteadas deveriam ficar tomadas pelo esplendor do que estão vendo (SIMONI et. al ,2010, p.5). O reconhecimento da exuberância dos objetos e consequente cativação de olhares alheios vem a confirmar a intervenção bem-sucedida dos espíritos ancestrais.

> Isso devido a essa qualidade brilhante, especialmente associada às cores vermelha, amarela e branca, o que indica a intervenção bem-sucedida dos espíritos ancestrais. Essa é também uma condição espiritual, no sentido em que está ligada à saúde: "Você é saudável, vai ter muitos filhos, seu jardim vai crescer", e assim por diante. Então, isso pode ser compreendido como um estado de revelação bem sucedida, que é também um estado divino, de certo modo. Se mal-sucedido, haverá má sorte sem fim, ou seja, existe o contrário, as pessoas também correm risco quando finalmente exibem sua riqueza. O risco está em não saber se isso vai funcionar, se o recebedor disser: "isto está mal-feito", ou "não vou aceitar isso", ou "isso não é nada, vamos aceitá-lo, mas queremos um presente adequado da próxima vez", então se está em apuros, e esse é o sinal de que os ancestrais os deixaram, os abandonaram. (SIMONI et. al ,2010, p.5).

Nesse caminho de reflexão, ao ser questionada pelos entrevistadores da Revista PROA sobre a possibilidade de aparecimento de novas formas de "revelação", a autora diz que os mais jovens têm admiração por outros objetos, como celulares e tênis de marcas como a Nike. Todavia, esses novos/outros objetos, embora possam inaugurar novas relações dentro da sociedade melanésia são incapazes de atuarem como substitutos aos objetos tradicionais e não possuem o mesmo papel de condução das relações:

> [...] quando mudamos para telefones celulares, tênis Nike, ou seja lá o que for, as pessoas tomam emprestado as qualidades aparentes das coisas que brilham e sentem-se bem ao possuí-las No entanto, essas qualidades aparentes não têm mais nenhuma referência à saúde, aos ancestrais, ou ao envolvimento dos ancestrais. É, simplesmente, um empréstimo superficial. (SIMONI, et. al, 2010, p.5).

Nesse sentido, percebe-se a incapacidade de objetos provenientes de outros cosmos em participar das redes tradicionais melanésias, ainda que mobilizem certo reconhecimento e admiração por parte dos jovens da comunidade. Contudo, por não possuírem a capacidade de comunicação com os deuses ancestrais, revelam-se ineficazes para atuarem como prenunciadores de saúde e prosperidade no sistema de dádivas.

Traçando um paralelo, a apropriação de aparelhos de produção de imagem pelos Kaiowá e Guarani, revela que eles, ao contrário do caso melanésio, percebem potencialidade de atuação dos aparelhos de *tecnologia* não-indígena no sistema de comunicação ameríndio. Neste movimento, as câmeras fotográficas não substituem os instrumentos de tecnologia espiritual na comunicação dos Kaiowá com os espíritos-guardiões, mas passam a atuar junto a eles, como citado anteriormente, no registro de um ritual xamânico ou na gravação de um curta-metragem que valorize os *saber-fazer* ancestral.

O processo de *"guaranização"* de tecnologias e aparelhos não-indígenas é confirmado na fala do cineasta Eliel Benites ao declarar que "novos instrumentos devem compor a cosmologia". Sobre essa última constatação, em uma mesa de debate sobre juventude indígena no II Colóquio de Geografias e Povos Indígenas na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no ano de 2019, o antropólogo Diógenes Cariaga, ao lado de jovens lideranças Kaiowá e Guarani aponta que o processo de incorporação de saberes, poderes e tecnologias dos brancos é protagonizado pela juventude indígena e guarda em si a potência das relações de alteridade dos modos de fazer política Kaiowá e Guarani.

> O ingresso dessa agenda exógena, longe de ser interpretado como ato de submissão dos kaiowá e guarani aos saberes, poderes e tecnologias dos brancos – *karai reko*, como uma política de aculturação, situa-se no pólo contrário, nas relações que possibilitaram a emergência de coletivos kaiowá e guarani formado por pessoas jovens ou por estilos considerados contemporâneos. Assim, avalio que devamos olhar mais atentamente aos modos de fazer política associados aos modos de ser kaiowá e guarani atuais para nos fazer ver a potência das transformações indígenas diante das relações dos seus outros, pois vejam bem, mesmo que existam uma grande assimetria econômica e de poder entre os indígenas e os não indígenas, os brancos são apenas mais um dos outros que habitam a cosmologia e a sociologia ameríndia. (MOTA, 2023, p.101).

A assimetria econômica e de poder entre indígenas e não-indígenas, comentada na fala de Diógenes, está presente na argumentação de Germano Lima, interlocutor desta pesquisa e

também palestrante no evento mencionado. Ele afirma que por mais que a tecnologia e os aparelhos de comunicação *karaí* tenham adentrado as aldeias, sua presença é heterogênea e está condicionada ao poderio econômico de cada indivíduo. O que revela que os caminhos de apropriação das tecnologias não-indígenas não é linear, e as sinuosidades implicam dinâmicas econômicas e de acesso, como atesta a afirmação a seguir:

> A tecnologia chega na comunidade, mas chegam poucas informações, porque nem todos os jovens da aldeia têm a tecnologia, nem todos os jovens têm acesso à internet. Eu contaria que 50% da aldeia possui um celular Android e o outro 50% não tem celular. Muitos jovens indígenas têm dificuldades financeiras e não conseguem entrar em uma loja e comprar um celular. (MOTA, 2023 p.81)

Sobre esse ponto, pretendo aprofundar em pesquisas futuras, tendo em vista que outros interlocutores também relataram a dificuldade de acesso a equipamentos e recursos financeiros para produções audiovisuais.

Ainda sobre a incorporação de tecnologia e aparelhos não-indígenas, protagonizado pelos jovens Kaiowá e Guarani, Indianara Machado, liderança da Associação dos Jovens Indígenas (AJI), em discurso realizado no II Colóquio de Geografias e Povos indígenas, no ano de 2019, revela que a projeção política deles no contexto dos movimentos políticos tradicionais é atribuída a maior habilidade que esses apresentam no manuseio de tais inovações. Além disso, a tomada de consciência dos anciãos sobre os usos políticos das tecnologias *karaí* foi determinante para firmar a juventude indígena como segmento atuante em espaços tradicionais de deliberação política Kaiowá e Guarani. A esse respeito a palestrante contextualiza:

> Os jovens não tinham esse espaço pra poder falar, pra poder pautar políticas que venham afetá-los, a questão do suicídio, da violência. Nós não éramos ouvidos, esse processo se iniciou quando eu era criança e acompanhava as minhas irmãs, nós participamos desse processo. Nós íamos nas Aty Guasu e falavam: "ó vocês não falam, quem fala são os mais velhos, isso é especificidade cultural." Então para conquistar esse espaço de nos afirmar enquanto jovens indígenas foi um processo e isso quem construiu, juntamente com o movimento da juventude, foi a AJI. A partir do momento em que começaram a conhecer os jovens indígenas, os mais velhos conseguiram entender essa dinâmica de que precisavam da gente porque quem domina a tecnologia hoje são os jovens. Quem tem o conhecimento às vezes da escrita, da caneta, são os jovens. Assim, quando as lideranças tradicionais, quando as nhandesy, os nhanderu entenderam essa reflexão deram importância para os jovens estarem com eles. Foi nesse momento que

> nós conseguimos nos firmar enquanto jovem indígena, que pauta, que discute, mas foi um processo; (MOTA, 2019, p.67).

Nesse cenário, a articulação entre distintos *Mba´ekuaa* tem como pano de fundo a atuação cosmopolítica da juventude Kaiowá e Guarani, tal elaboração merece estudos mais aprofundados, no entanto, serve como ponto de partida para refletir sobre o potencial pedagógico das imagens no engajamento de jovens indígenas em temas de relevância à luta política de suas comunidade, permeando pautas como a demarcação dos territórios tradicionais, a violência perpetrada pelo Estado e pelo agronegócio e a valorização das práticas xamânicas dos *nhanderu* e *nhandesy*. Sobre essa questão, trato na subseção a seguir.

2.1 As sementes do Mba´ekuaa

No ano de 2023, ocorreu o 10 ˚ encontro da Kunhangue Aty Guasu, na aldeia de Nhanderu Marangatu, no município de Antônio João, MS. Nesta ocasião, Luan era responsável por coordenar uma equipe de jovens comunicadores indígenas na cobertura do evento, nela são revelados elementos constitutivos do conceito de *Mbaekua´a,* pois a posição de professor permitiu a Luan mostrar aos jovens o *mbae*, o como fazer, o modo de se produzir imagens e vídeos, não apenas do ponto de vista técnico, mas cosmopolítico (Foto 57).

Foto 57: Arquivo pessoal, 2022. Luan Iturve orientando Nailson na cobertura da X Encontro da Kunhangue Aty Guasu, aldeia de Nhanderu Marangatu, Antônio João, MS, 2022.

A imagem permite refletir que além dos saberes específicos de manuseio dos equipamentos, Luan também pôde articular o fazer audiovisual com as potências e usos políticos das imagens, em função de um cenário de intensa disputa dos povos indígenas por seus direitos sociais e territoriais. Desse modo, desde a retomada dos territórios ancestrais até a implantação e regulamentação da Educação Escolar Indígena, os embates que o movimento Kaiowá e Guarani enfrenta engajam a tecnologia das imagens em batalhas políticas nas mais variadas pautas e reivindicações sustentadas pelas comunidades. Assim, nestes cenários as imagens atuam como novas forças: Estado, agronegócio e capitalismo de um lado, e de outro, imagens, xamãs e *mbaraká*, tensionando decisões e estratégias de resistência.

Por entre representantes do poder público, instituições não-governamentais, Universidades, instituições artísticas, jovens indígenas, lideranças e espíritos-guardiões, as imagens buscarão por seus alvos estabelecendo relações e demarcando posições políticas que convocam humanos e não-humanos para o jogo, abrindo o político para o cosmos.

Foto 58: Arquivo pessoal, 2023. Mulheres Kaiowá e Guarani rezando em mobilização contra a aprovação do Marco Temporal, no dia 07 de junho, em frente a aldeia Jaguapiru, Dourados, MS.

Foto 59: Arquivo pessoal, 2023. Comitiva de ñandesy Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul no Acampamento Terra Livre, edição de 2023, Brasília.

Foto 60: Arquivo pessoal, 2023. Comitiva de ñandesy Kaiowá e Guarani de Mato Grosso do Sul no Acampamento Terra Livre, edição de 2023, Brasília.

Em outras palavras, o ato de fabricar imagens em assembleias do movimento indígena, em que se debatem temas como a demarcação das terras e a violência nos territórios, implica na escolha do que, a partir das imagens, vai continuar reverberando em um campo intensivo de relações cosmopolíticas que está para além do movimento em si.

Foto 61: Arquivo pessoal, 2023. Sandriele, integrante da equipe de comunicação da Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembléia das mulheres Kaiowá e Guarani fazendo a cobertura do Acampamento Terra Livre, edição de 2023, Brasília.

Menos que ressaltar a coordenação do grupo de comunicadores como um lugar de poder e centralidade, o que desejo evidenciar é a possibilidade de Luan compartilhar com

outros jovens indígenas e anciãos os atravessamentos entre os diferentes *Mbaekua´a,* o que implica em introduzi-los à um entendimento cosmopolítico acerca das imagens que norteará toda a criação audiovisual no contexto das lutas empenhadas pela Kunhangue Aty Guasu, já que uma vez cientes das agências políticas das imagens, estes novos realizadores poderão produzir suas obras/materiais visando a estabilização da vida social de seu povo.

Em entrevista concedida, Luan comenta tal aspecto:

> A juventude, ela tem mais facilidade em poder dominar essas tecnologias, mas em compensação dentro desse *Mbaekua´a* durante o período da Casa de Reza nós percebemos que os anciões se esforçam o máximo possível para pelo menos entender um pouco desses equipamentos, né. Em vários momentos eles experimentaram gravar um áudio, gravar um vídeo em uma câmera, sabe, um takezinho, ali, sabe. Tiveram acesso a vários microfones, vários tipos de tecnologia do ramo do cinema e do audiovisual. Então eles tiveram contato direto com essas tecnologias, tanto avançadas, como mais simples. Inclusive, cada um deles teve seus celulares e aprenderam a mexer. Nós percebemos através disso tudo que os anciões também precisam ter acesso às tecnologias que pra eles também é muito importante. Antigamente eles não deixavam filmar, mas hoje em dia eles falam que é importante porque pode acabar, né, mas pelo menos antes de acabar, antes da gente partir [os anciãos] vocês tem alguma coisa gravada de nós. Então, pra eles também é importante esses conhecimentos dos não-indígenas porque favorece de alguma forma. Eles aprenderam a utilizar dessa linguagem tecnológica para poder mostrar sua cultura, mesmo as lutas, né, que hoje em dia o movimento é grande, é amplo, então pra eles não deixa de ser importante. (Relato Luan Iturve, agosto de2023).

Portanto, além das relações políticas que se estabelecem entre Luan e os nhanderu e nhandesy para que as imagens sejam fabricadas, existe também uma rede política que se enlaça entre Luan e esses jovens de gerações mais recentes, o que coloca a produção audiovisual em uma espécie de epicentro da relacionalidade tecida em conexões extra e intrageracionais. Esta potência também foi percebida por outros realizadores indígenas do Mato Grosso do Sul, e sistematizada pelo cineasta Terena Gilmar Galache, membro da ASCURI (Associação Cultural dos Realizadores Indígenas de MS), que reconhece nessa aproximação de gerações uma espécie de metodologia política necessária para a apropriação do audiovisual em contextos de conflito.

> Diante desta ambiguidade, ao invés de se afastar das novas tecnologias de comunicação, que podem se tornar vetores de segregação na aldeia, a ASCURI propõe utilizá-las como pontes para o fortalecimento dessas gerações (GALACHE, 2017, p. 75). Neste sentido, o diálogo com os Ñanderu (rezador Kaiowá) e os Koexumoneti (rezador Terena), mostra-se

> essencial em suas práticas. Um dos caminhos para essa aproximação está no incentivo presente nas oficinas para que os jovens busquem nos mais velhos os conteúdos para seus filmes. (GORGES; QUELUZ, 2019, p.52).

Nesse sentido, as tecnologias de produção audiovisual, que em primeira instância poderiam promover distanciamentos entre a juventude e os anciãos, na verdade, funciona como catalisador dessas distâncias, já que engaja diferentes motivações e desejos em uma partilha comum e sensível das potencialidades políticas do fazer audiovisual. Menos que opor um *Mbaekua'a* ao outro em uma hierarquização de práticas, ambos os regimes de produção se afetam mutuamente, promovendo o encontro entre a ancestralidade e a contemporaneidade em um gesto cosmológico e político ao mesmo tempo.

Trocando em miúdos, o encontro de diferentes *Mbaekua´a,* é o modo como as câmeras chegam até as narrativas mitológicas, é o caminho que as imagens trilham para encontrar a cosmologia e os conhecimentos ancestrais perpetuados pelos anciãos. As imagens filmadas e disponibilizadas para o público em geral, indígena e não-indígena são, portanto, fruto dessa maquinação entre mundos, gerações, tecnologias e intencionalidades políticas. Em tal contexto, uma prática fílmica orientada pelo entrelaçamento desses *Mbaekua´a* pode promover a reativação dos espaços de diálogo e criação entre diferentes gerações Kaiowá, como exemplifica Eliel Benites:

> O objetivo também é justamente fazer essa reaproximação entre os mais velhos e os mais jovens através dos processos de produção de cinema, e aí o cinema é como um elo, uma religação entre uma geração, que seriam os mais velhos, e as novas gerações de hoje. Então esse modelo, o modo do não indígena chegar ao contexto indígena, ela resultou nessa ruptura muito grande dessas gerações. Assim, o que a ASCURI está buscando construir é a recomposição dessas rupturas que ocorreu entre as gerações indígenas aqui na fronteira do Brasil, em Mato Grosso do Sul (BENITES, In. GORGES; QUELUZ, 2019, p. 44).

Tais rupturas que a chegada do mundo não-indígena promoveu na vida Kaiowá, conquanto, passam a ser desestabilizadas pelas reconexões que o audiovisual mobiliza na socialidade entre a juventude indígena e os rezadores tradicionais. Mundos que desde a colonização travam uma espécie de predação ininterrupta por defenderem vontades políticas incompatíveis e que ao longo do tempo conformam um ambiente de guerra, de intensificação de disputas e desmobilização de certas redes de parentesco, recebem das imagens novas

potências conectivas que fazem da produção audiovisual dos jovens comunicadores indígenas, novas armas insurgentes operantes nessa batalha entre mundos.

Sobre esse cenário de guerra, o Relatório anual de Violência contra Povos Indígenas no Brasil - dados de 2022, organizado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) reúne informações e imagens que demonstram o acirramento de conflitos e violências em territórios indígenas, aliado ao desmantelamento dos órgãos responsáveis pela fiscalização e pela proteção destes territórios. Nota-se também a participação de agentes do Estado atuando na "segurança privada" dos fazendeiros. Como aponta o trecho a seguir:

> Em 2022, essa postura se refletiu no alto número de casos registrados nas categorias conflitos por direitos territoriais, com 158 registros, e invasões possessórias, exploração ilegal de recursos e danos ao patrimônio, com 309 casos que atingiram pelo menos 218 terras indígenas em 25 estados do país. Em muitos estados, como Mato Grosso do Sul, Maranhão e Bahia, os conflitos e a total falta de proteção aos povos indígenas resultaram em assassinatos de indígenas, inclusive com o envolvimento de forças e agentes policiais atuando como "segurança privada" para fazendeiros. (CIMI, 2022)

Frente a essa realidade, o documento deixa explícito que assassinatos dos indígenas Guarani e Kaiowá em 2022, Alex Recarte Lopes, 18 anos, na Reserva Indígena Taquaperi, no município de Coronel Sapucaia e o assassinato de Vitor Fernandes, de 42 anos, no Tekoha Guapoy, no munipio de Amambai, decorrem do uso do aparato policial em favor de agentes do agronegócio. O ceifamento dessas vidas soma-se às pautas que integram a problemática dos conflitos vivenciados por esses povos. Assim, a imagem do clamor de justiça segue reverberando na luta e reivindicações requeridas pelos Kaiowá e Guarani. Como expõe a imagem a seguir, em que duas crianças sustentam a faixa que rememora o acontecido com Vitor Fernandes.

Foto 62: Arquivo pessoal. Faixa com o nome de Vitor em protesto contra o Marco Temporal, no dia 07 de junho de 2023, na aldeia Jaguapiru, Dourados, MS.

De territórios sobrepostos por monoculturas de milho e soja e asfixiados pela expansão imobiliária das cidades, de corpos envenenados por agrotóxicos, mal alimentados pela impossibilidade de roçar e cultivar a terra, também adoecida por pesticidas trazidos pelo vento das fazendas que rodeiam retomadas e aldeias[16], dos rios que desapareceram ou foram cercados pelos limites das propriedades; do medo de caçar por entre as escassas matas que restam e ultrapassar os limites que riscaram a antiga mobilidade socioespacial dos Kaiowá e Guarani, em uma cartografia de zonas de morte de fazendas[17] vigiadas por pistoleiros e reservas superpopulosas. Desse cenário, surgem as imagens como possibilidade de vida, de contra efetuar a mortandade, imagens que são arco e flecha da ancestralidade em um campo

[16] Reportagem de Eduardo Miranda, publicada no jornal Correio do Estado, em 06 de junho de 2023 "Em Amambai, a contaminação por agrotóxicos ocorre por via aérea". Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/em-amambai-contaminacao-por-agrotoxicos-ocorre-por-via-aerea/415899/>.

[17] Reportagem do Conselho Indigenista Missionário - CIMI, publicada no dia 22 de maio de 2022. "Alex Lopes, de 18 anos, teria sido assassinado ao coletar lenha numa área próxima à reserva Taquaperi; viaturas do Departamento de Operações de Fronteira (DOF) cercaram a retomada neste domingo (22)"<https://cimi.org.br/2022/05/jovem-guarani-kaiowa-assassinado-retomada/>.

de batalha cada vez mais acirrado. Uma política que imagens e cosmologia vislumbram o futuro em que seus direitos sejam garantidos.

Sobre o anseio de um futuro orquestrado pelas imagens, Eliel Benites, argumenta que, a primeira vista, as produções imagéticas Kaiowá e Guarani podem parecer aos olhos não-indígenas como "sangrentas", porém, estas carregam em essência o desejo de "bem-viver" e o direito de existência destes povos. A respeito dessa perspectiva, a produção fotográfica do comunicador Guarani Scott Hill[18] é referência para que haja a mobilização de forças que utilizam as imagens como armas de denúncia. A seguir, seguem imagens cosmopolíticas de autoria de Scott durante e depois da operação policial que vitimou dezenas de indígenas e resultou na morte de Vitor Fernandes, situação de conflito que ficou conhecida como *"massacre de Guapoy"*[19].

Ao divulgar em seu perfil de uma rede social as fotografias citadas, Scott escreve um poema-desabafo na legenda que as acompanha. A precisão com que as palavras são utilizadas no poema expressam sentimentos que borbulham no íntimo desse comunicador indígena, paralelamente a elas suas imagens também comunicam a obscuridade contida nos sentimentos de injustiça, desamparo e revolta, salientados pela escolha de uma paleta de tons escuros nestas obras.

E aí?
Helicóptero? Cadê tu ?
Será que a placa que aparece ali não é rastreável?
Ah mas "não foi usado munição letal pelos policiais"?

E aí ?
Essas cápsulas que colhemos e que o MPF colheu ? Não é letal?
Será que vamos ter uma arma desse porte ?

Estado, estado não adianta tentar incriminar vocês mesmo .
Não estamos mais no século xv
Sabia que existe tecnologia agora.

Poise.

[18] Scott Hill é fotógrafo, filmmaker e comunicador Guarani, compõe a equipe de comunicação da Kunhangue Aty Guasu e a coordenação do movimento de jovens indígenas, Retomada Aty Jovem -RAJ. Seu trabalho audiovisual tem enfoque em registros de conhecimentos tradicionais e patrimônio cultural dos povos Kaiowá e Guarani, e em registros-denúncias de violações de direitos humanos sofridas por seu povo.

[19] Recomendo a leitura da Nota da Aty Guasu - Grande Assembleia do povo Guarani e Kaiowá publicada no dia 25 de junho de 2022, em repúdio aos acontecimentos de *Guapo'y.* Disponível em: <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2022/06/Nota-Aty-Guasu-Guapoy-25.06.2022.pdf> . Acesso em: 02 de março de 2022.

Mas claro, policiais foram FERIDOS e isso para o estado nossaaaaaa vai até o fim do mundo se for preciso.

Tá, mas e as crianças com as mão quase explodindo de munição da arma do estado ?
A senhora que teve as pernas perfuradas com a arma de vocês?
A menina que teve a sua coxa perfurada e o menino que teve suas tripas jogada para fora ? E tem mais gente que está nesse estado e essas pessoas?

Mas não, 2 policiais é que foram FERIDOS.

Estado, estado temos muito o que conversar .

Mas e o helicóptero, cadê ?
1- para um helicóptero voar precisa de autorização
2- mataram pessoas, cidadão, e ai ?
3- onde está esse helicóptero modificado?

Tá igual aquele trator blindado que sumiu em Dourados chamado de caveirão, né?
Estado, Estado temos muito que conversar ou vocês pretendem fazer o mesmo ato genocida ?

Me digam !

(Scott Hill, 2022).

Foto 63: “Massacre de *Guapo´y*”. Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022.

Foto 64: *"Massacre de Guapo´y"*. Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022.

Foto 65: *"Massacre de Guapo'y"*. Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022.

Foto 66: *"Massacre de Guapo'y*". Imagem cedida por Scott Hill, comunicador audiovisual do povo Guarani Nhandeva, 2022.

Num gesto semelhante ao que Scott Hill e outros comunicadores indígenas fazem com as câmeras em um canário de guerra, Didi Huberman (2012) em sua obra *"Imagens apesar de tudo"* expoem que judeus, membros do Soonderkomando, durante o holocausto capturaram de forma clandestina imagens que registram a violencia e o extermínio de judeus. Os

membros do Sonderkommando eram obrigados pelos nazistas a recolher os corpos, queimá-los e sufocar num silêncio absurdo o que ocorria com seus semelhantes. Todavia, arrancar imagens, custe o que custasse, significava dar uma forma ao inimaginável ocorrido nos campos de concentração. Em um gesto de humanidade. Nas palavras do autor:

> Em Auschwitz, as possibilidades de evasão ou de revolta eram tão diminutas que a simples emissão de uma imagem ou de uma informação - um plano, números, nomes - tornava-se a própria urgência, um entre os últimos gestos de humanidade. (HUBERMAN, 2012, p. 25).

Nesses contextos, as dores, indígena e judia, encontram nas câmeras uma forma de gritar ao mundo que os circunda as ações externas que restringem suas liberdades e violentam suas existências, distantes do olhar do todo. Para tanto, as imagens como "olho da história" servem para denunciar e cristalizar na história comum da humanidade violências inquestionáveis. Huberman ratifica esse pensamento ao que dizer que:

> As quatro fotografias arrancadas a Auschwitz pelos membros do Sonderkommando foram portanto, também, quatro refutações arrancadas a um mundo que os nazis queriam ofuscar: ou seja, deixar sem palavras nem imagens. (HUBERMAN, 2012, p.34).

Destarte, defendo que o Audiovisual é uma das muitas estratégias dos povos indígenas para o enfrentamento do fim de seu mundo. Para tanto, faz-se necessário revisitar o conceito de *Mba´ekuaa* que em um sentido amplo conota práticas de fazer germinar bons agouros. E é desta prática de fazer germinar bons agouros, ou projetos de futuro, que Ailton Krenak elucida:

> O projeto de futuro dessas populações não é aquilo que elas estão vivendo hoje ou que viveram no passado, é uma equação entre o que viveram no passado, o que vivem hoje e o que vão viver no futuro, é o projeto de futuro dessas populações. Agora, o projeto de futuro dessas populações não suprime de maneira nenhuma sua experiência de contato com os brancos. [...] (KRENAK, 2015, p.61).

Logo, o projeto de futuro em que o Audiovisual indígena se engaja está relacionado às aberturas a um porvir em que a destruição dos modos cosmológicos de existir possa ser estancada, e em que as várias formas de vida humana e não-humana não estejam assujeitadas pela política expansionista do agronegócio e do acúmulo de capital. Fertilizar caminhos, entre tantas outras coisas, significa atuar na linha contrária dos pesticidas, do adoecimento dos corpos, ao passo que (re)ativa laços entre a ancestralidade e o desejo de um futuro habitável; e

as imagens aparecem como um desvio na fatalidade dessa guerra secular. Como menciona Luan:

> A arte me salvou. Me salvou de muitos maus caminhos que eu poderia escolher, entende. Principalmente, os jovens são os que têm muito contato com as drogas. Eu acho que a arte é uma forma que poderia salvar os jovens da aldeia, independente do que eles gostam de fazer. E eu acho que isso dentro das aldeias falta muito, a arte. [...] Eu me colocando no lugar de muitos jovens, eles não têm essa oportunidade como eu tô tendo, é muito pouco indígena que tem contato com a arte, por questão que eles acham que é coisa de rico, entende, mas eles também podem entrar desde que eles tenham oportunidade e desde que haja alguém que impulsione esse sonho, como eu tive. [...] Esses que tão começando são os que eu pretendo ajudar para futuramente criar assim grandes jovens fotógrafos. Esse é um dos objetivos, eu tenho muita coisa que eu quero fazer, eu não sei se eu vou fazer tudo, mas de alguma forma, alguma coisa eu vou fazer (Relato de Luan Iturve, março de 2023).

A importância do compromisso que Luan assume em compartilhar conhecimentos e formar novos comunicadores indígenas põe em relevo a ideia sustentada até aqui, o audiovisual mobiliza um desejo de mundo e de futuro em potencial. Afinal de contas, iniciar jovens no ofício de produzir imagens por entre diferentes *Mba´ekuaa* significa capacitá-los para atuação cosmopolítica na defesa dos territórios ancestrais, das matas, dos rios, das plantas, dos animais, e toda possibilidade de continuar a existir em intensa alteridade cosmológica.

Retomando a fotografia que inicia a subseção (foto 57), tem-se o registro de Luan instruindo Nailson no ofício de produzir imagens, o aprendiz relata em entrevista que para ele a comunicação indigena é como se fosse uma semente e que deseja seguir compartilhando o que aprendeu com seus professores com outros jovens indígenas. Em suas palavras:

> Eu acho que a comunicação é como se fosse uma semente, onde você vai passando você vai deixando um pouquinho de conhecimento e esse pouquinho de conhecimento que você deixou em cada lugar específico as pessoas vão falar “caraca, ele deixou um pouquinho de conhecimento, acho que eu vou pegar, adquirir e me aperfeiçoar junto com ele. Entendeu? Uma coisa que eu to vendo é que comecei na comunicação em 2018, finalzinho de 2018 eu me formei comunicador, fotógrafo e videomaker. Nisso eu fui tirando algumas fotos, mas eu pensei “vou montar uma equipe”. Porém, só depois que eu entrei para o movimento eu comecei a pensar assim: “caraca, e se um dia eu não estiver aqui mais, eu tenho que começar a fazer alguma coisa, deixar sementes”. Então, é uma coisa que eu estou começando a fazer, hoje eu tenho duas alunas que eu tô trazendo para o movimento, tô tentando

> trazer elas para a comunicação também, desde a qualificação. Tudo que eu aprendi eu estou ensinando pra elas. (Relato Nailson, 4 de julho de 2023).

Na sequência, há o registro de Larissa, aluna de Nailson, ela está em primeiro plano na fotografia desempenhando a atividade de cobertura de uma manifestação contra a aprovação do Marco Temporal, PL490/07, no dia 07 de junho de 2023, na aldeia Jaguapiru, em Dourados. O empenho em capacitar jovens indígenas para atuarem na produção de imagens é parte do conceito nativo de *Mba´ekuaa* que em seu senso de prognosticar futuros é guiado pelo *saber-fazer ancestral*. Por fim, tal qual uma semente os regimes de produção de conhecimento indígena germinam entre cosmologia, imagem e política.

Foto 67: Arquivo pessoal, 2023. Larissa, nova geração de comunicadores indígenas cobrindo a manifestação contra o Marco Temporal, no dia 07 de junho de 2023, na aldeia Jaguapiru, Dourados, MS.

NOTAS FINAIS

Em síntese,

A rede de comunicabilidade indígena não se dá apenas em um circuito de experiência de linguagens humanas, em função de outros seres como espíritos, animais, plantas e etc, serem igualmente acionados pela conectividade das tecnologias espirituais e dos instrumentos sagrados. A conexão que as tecnologias espirituais promovem com um outro tem como fundamento a estabilização da vida e a perpetuação dos modos tradicionais kaiowá e guarani de agir no mundo, *teko porã* (jeito belo de ser), *teko araguyje* (jeito sagrado de ser).

Mais adiante, no segundo capítulo, o encontro entre distintos *Mba´ekuaa*, saber-fazer e instrumentos, caracteriza o modo de produção audiovisual dos kaiowá e guarani que não se resume ao uso técnico de novos aparelhos, mas de uma apropriação guiada por um saber ancestral e espiritual, que faz com que as imagens possam agir na defesa dos mundos indígenas. Tais registros, forjados na conexão com a cosmologia, carregam em sua essência a defesa dos modos de vida tradicionais, ansiando por um futuro de liberdade e de direitos salvaguardados.

Dessa forma, o que movimenta as atividades das tecnologias espirituais e o encontro entre múltiplos Mba´ekuaa junto aos espíritos-guardiães são os regimes de invenção e criatividade Kaiowá e Guarani, que constroem desde Casas de Reza a roças e filmes.

Diante do exposto, as ideias aqui apresentadas são como sementes que detém o potencial de germinar em diversos campos, inaugurando novos caminhos para empregar o conceito de tecnologia espiritual, com isso outras pesquisas podem promover novas associações entre a tecnologia espiritual e as múltiplas formas de atuação cosmopolítica no mundo, tal qual o audiovisual foi aqui tomado como a atividade resultante do encontro entre diferentes saber-fazer.

Contudo, neste trabalho, escolhi guiar-me unicamente pela definição de “tecnologia” segundo o conceito de Anastácio Peralta, e a aplicação deste em atividades espirituais essenciais da vida Kaiowá e Guarani. Em pesquisas futuras, cabe alargar o campo de escuta

para que a concepção de tecnologia possa ser escutada em outras vozes kaiowá e guarani e noutros povos indígenas. Tendo como objetivo, por meios de vozes dissonantes da tecnologia hegemônica *karaí*, redesenhar uma nova percepção sobre possíveis aparelhos e caminhos tecnológicos.

Ainda no campo da reflexão, acerca dos povos indígenas e aparelhos de tecnologia não-indígena, os interlocutores desta pesquisa chamaram a atenção para o difícil acesso a equipamentos de audiovisual, pois, ainda que sejam promovidos projetos culturais e oficinas de formação em audiovisual nos territórios, quando esses se findam encerram consigo a disponibilidade de contato dos indígenas com aparelhos como câmeras fotográficas, microfones, computadores e softwares de edição de imagem.

Portanto, ainda que a apropriação das tecnologias pelos Kaiowa e Guarani seja um fato, a circulação e a disponibilidade dos aparelhos tecnológicos não-indígena não é homogênea e constante dentro dos territórios ancestrais. Dessa forma, faz-se interessante cartografar a rede de circulação de aparelhos de tecnologia não-indígena com vista a elucidar tal apropriação descontínua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENITES, Eliel. **A Busca do Teko Araguyje (jeito sagrado de ser) nas retomadas territoriais Guarani e Kaiowá**. 2021. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2021.

BENITES, Eliel. **Oguata Pyahu (Uma Nova Caminhada) no Processo de Desconstrução e Construção da Educação Escolar Indígena da Aldeia Te'ýikue.** 2014. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2014.

BENITES, Eliel. Tekoha ñeropu'ã: Aldeia que se levanta/Tekoha Ñeropu'ã: indian village that gets up. **Revista Nera**, v. 23, n. 52, p. 19- 38, dossiê., 2020. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/7187. Acesso em: 13 nov. 2023.

BRAND, Antonio. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá Guarani:** os difíceis caminhos da palavra, 1998. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=232. Acesso em: 29 jan. 2024.

CARIAGA, Diógenes Egidio. **As transformações no modo de ser criança entre os Kaiowá em Te'ýikue (1950-2010)**. 2012. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

CARIAGA, Diógenes Egidio. **Relações e diferenças: a ação política Kaiowá e suas partes**. 2019. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **No Brasil, todo mundo é índio, exceto quem não é**. Povos indígenas no Brasil (2001/2005). São Paulo: ISA, p. 41-9, 2006.

CHAMORRO, Graciela. **Dicionário Kaiowá-Português**. Belo Horizonte: Editora Javali. Disponível em: www. editorajavali. com. br. Acesso em, v. 24, 2022.

CIMI. Em série de ataques, seguranças privados queimam casas Guarani Kaiowá em Dourados (MS). **Conselho Indigenista Missionário**, 2021. Disponível em: https://cimi.org.br/2021/09/ataques-segurancas-privados-queimam-casas-guarani-kaiowa-dourados-ms/. Acesso em: 29 jan. 2024.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

COHN, Sérgio (org.). Ailton krenak. **Série encontros**. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Políticas culturais e povos indígenas**: uma introdução. Políticas culturais e povos indígenas. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Imagens apesar de tudo**. Lisboa: KKYM, 2012.

FARIAS, Iulik Lomba de.; GRÜNEWALD, Leif. Aprisionando espíritos e fazendo imagens: por uma cosmopolítica das imagens Kaiowá. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 08–27, 2020. Disponível em: https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11112. Acesso em: 10 jul. 2023.

FARIAS, Iulik Lomba de. **Ta'anga ymã: perspectivismo, cosmopolítica, e imagens kaiowá e mbya: o convívio entre a visualidade e a não-visualidade.** 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas**: o antropólogo como autor, Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GORGES, Maria Claudia; QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. Cinema de Casa de Reza: as práticas desenvolvidas pela ASCURI em suas oficinas de formação audiovisual. **Vazantes**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 47-57. dez, 2019. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52008/1/2019_art_mcgorgesmlpqueluz.pdf. Acesso em: 10 jan. 2023.

JOÃO, Izaque. **Jakaira Reko Nheypyrũ Marangatu Mborahéi: origem e fundamentos do canto ritual Jerosy Puku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinho e Suciri'y**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2011.

KLEIN, Tatiane Maíra. **Práticas midiáticas e redes de relação entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do sul**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

KUNHANGUE ATY GUASU. Dossiê "O Racismo e a Intolerância Religiosa: As sequelas de invasão (neo) pentecostais nos Corpos Territórios das Mulheres Kaiowá e Guarani/MS", 29. jun. 2023. Disponível em: https://www.kunangue.com/. Acesso em: 14 jul. 2023.

KUNHANGUE ATY GUASU. Relatório Final da X Kunhangue Aty Guasu - Grande Assembleia das mulheres Kaiowá e Guarani/MS. 2022. Disponível em: https://www.kunangue.com/. Acesso em: 29 jan. 2024.

LAGROU, Els. Existiria uma arte das sociedades contra o Estado?. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 54, n. 2, 2012. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2011.39645. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39645. Acesso em: 10 jul. 2023.

MAGRANI, Eduardo. **A Internet das Coisas**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

MONFORT, Gislaine Carolina; MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. A pandemia começou quando os brancos chegaram: barreiras sanitárias como práticas autônomas dos povos Kaiowá e Guarani. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 17, n. 47. Out., p. 80–104, 2022. DOI: 10.14393/RCT174705. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/67158. Acesso em: 13 nov. 2023.

MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **Através do Mbaraka**: música e xamanismo guarani. 2002. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MONTANARI, Matheus da Rocha; SORDI, Caetano. Processos de criação em arte generativa como metodologia de atravessamento: pesquisa colaborativa transdisciplinar com comunidades Guarani e Kaiowá. **ARS (São Paulo)**, v. 21, p. 237-300, 2023. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.scielo.br/j/ars/a/qswTwndbpLy6YvnXMwLmjTL/?format=pdf&lang=p. Acesso em: 13 nov. 2023.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno; MARTINS, Letícia Espadim; Mota, Suzanny. **Coletânea Geografias Indígenas:** Gentes e narrativas do II Colóquio Geografias e Povos Indígenas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

MOTA, Juliana Grasiéli Bueno. **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela descolonialização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha-Dourados/MS**. 2015. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2015.

MURA, Fabio. A trajetória dos chiru na construção da tradição de conhecimento Kaiowa. **Mana**, v. 16, n. 1, p. 123–150, abr. 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/250029487_A_trajetoria_dos_chiru_na_construcao_da_tradicao_de_conhecimento_Kaiowa. Acesso em: 10 jul. 2022.

NÖTH, Winfried. Comunicação: os paradigmas da simetria, antissimetria e assimetria. **Matrizes (online)**, v. 5, n. 1, p. 85-107, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v5i1p85-107. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38310. Acesso em: 13 nov. 2023.

PERALTA, Anastácio. **Tecnologias espirituais**: reza, roça e sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2022.

PEREIRA, Levi Marques. **Imagens kaiowá do sistema social e seu entorno**. 2004. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Ramires, Lidio Cavanha. **Processo próprio de ensino-aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena Ñandejara Pólo da Reserva Indígena Te'ýikue**: Saberes Kaiowá e Guarani, territorialidade e sustentabilidade. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2016.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significações, Brasília, INCT/UnB, 2015.

SIMONI, Aalessandra Traldi. et al. Porcos e celulares: uma conversa com Marilyn Strathern sobre antropologia e arte. Trad. De Alessandra Tráldi Simoni e Guilherme Ramos Cardoso. **Proa - Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 2, 2010.

SZTUTMAN, Renato. Reativar a feitiçaria e outras receitas de resistência - pensando com Isabelle Stengers. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 69, p. 338–360, jan. 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324813111_Reativar_a_feiticaria_e_outras_receitas_de_resistencia_-_pensando_com_Isabelle_Stengers. Acesso em: 11 jul. 2022.

SITES CONSULTADOS

ACERVO MAI - Museu de Arte Indígena. Disponível em: https://maimuseu.com.br/site/acervo/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

ASCURI. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UC_EvIOBMTbte94t3YtJWT_Q> . Acesso em: 02 março 2024.

Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Disponível em: <https://cimi.org.br/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

KUNHANGUE ATY GUASU. Disponível em: <https://www.kunangue.com/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

UCL Multimedia Anthropology Postgraduate Lab: Research and Reading Group (UCL MAL). Disponível em: <https://www.uclmal.com/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

Correio do Estado. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/em-amambai-contaminacao-por-agrotoxicos-ocorre-por-via-aerea/415899/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

Dicionário Kaiowá-Português. Disponível em: <https://www.editorajavali.com/dicion%C3%A1rio-kaiow%C3%A1-portugu%C3%AAs>. Acesso em: 02 de março de 2024.

Léxico Guaraní, Dialeto Mbyá. Disponível em: https://www.geocities.ws/indiosbr_nicolai/dooley/gndc.html>. Acesso em: 01 de março de 2024.

Site da UFGD. Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

Instagram. Michely Fernandes. Disponível em: <https://www.instagram.com/michely4540/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

Instagram. Scott Hill. Disponível em: <https://www.instagram.com/scot_hill_/>. Acesso em: 02 de março de 2024.

FILMOGRAFIA

***Hoyeno Koituketi* - Homem Trabalhador**

Direção: ASCURI
Produção: ASCURI
Duração: 6’24’’
Ano: 2010
Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=V-c_5Vr_BTs >.
Acesso: 02 de março de 2024.